

«*Terra Nova* envolve o leitor com uma facilidade surpreendente. Vai deixando a mente a fervilhar de questões e a necessidade de descobrir este mundo e obter as respostas cresce de uma forma inexplicável. O leitor, sem saber, mergulha num mundo onde a beleza e a ameaça caminham lado a lado. Uma história onde poder, desejo e liberdade colidem — e nada voltará a ser igual.»

— **Margarida** —

@bibidibooks

SARA VIEIRA MARQUES

TERRA NOVA

~ VOLUME 1 ~

A Coroa dos Monarcas



Editorial Divergência

Novembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: Terra Nova

Subtítulo: A Coroa dos Monarcas

Autor: Sara Vieira Marques

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição: Arlete Gomes

Revisão: Arlete Gomes e Patrícia Fernandes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: João Bento

ISBN: 978-989-9306-68-4

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e CC Altogether Ooky

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Sara Vieira Marques

©2025 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Edições Trebaruna são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



*Dedico este livro à minha mãe
cujo amor me faz falta.*

“Magic is any sufficiently advanced technology.”
Arthur C. Clarke

1. A VOZ INAUDÍVEL

O tempo passa devagar durante o serviço no Instituto de Pesquisa e Reabilitação das Espécies Híbridas. Mas agora o fim está à vista.

Lux caminha pelo carreiro que serpenteia a floresta, para mais um dia de trabalho, ainda a pensar no sonho da noite anterior. Perturbam-no ainda as imagens da Terra Nova a ser arrasada pelo dragão de vento e água que numa espiral imensa engolia as casas, as ruelas, os celeiros e os campos de cultivo, mas não sabe se deve acolher esta visão atroz como um presságio ou simplesmente constatar os medos subterrâneos que habitam a mente e que, por vezes, encontram um ponto de fuga, pela porta dos sonhos. O seu corpo acusa ainda a emoção de se ver entre a tempestade, assolado pelo pânico e o sofrimento de testemunhar a sua aldeia transformada em destroços.

Felizmente, não passou de um pesadelo e agora pode voltar a ansiar pelo regresso a casa, findo o tempo de serviço obrigatório no Governo Digital Mundial. O Aether.

Aproxima-se do edifício de adobe, discretamente camuflado, cujo telhado de turfa verde fá-lo desaparecer no emaranhado do arvoredado. Cá fora, os restantes voluntários vindos da Terra Nova estão reunidos a comentar o assunto premente do momento.

“Ei Lux!” chama Soto. “Já viste o Grifo? Soltaram-no na floresta!”

Lux para junto aos companheiros e sorri.

“Quantos dias achas que vai sobreviver?”

“Não há razão para suspeitar que morra. Já estão a preparar o seu transporte para a Cidade.”

Lux esgueira o olhar para uma porta lateral, entreaberta, abandonada aos caprichos da brisa que a empurra lentamente para trás, surpreendido pela voz vinda no interior que o chama, num sussurro.

“Achas possível um ser metade leão e metade águia sobreviver naturalmente? É uma combinação aberrante!”

Comenta, voltando a encarar o amigo mais velho. O outro retrai-se, parecendo desinteressar-te do diálogo, atento ao que dizem os colegas que mantêm uma conversa paralela.

Lux volta a atenção para a porta que se abre de mansinho, curioso com a voz feminina que parece chamá-lo. Procura a confirmação de Soto, mas este já encontrou a deixa para se meter na conversa dos restantes e, sem mais pretextos para continuar ali, encaminha-se para o edifício, onde entra. À sua frente o largo corredor estende-se, iluminado e vazio, o qual Lux percorre, ciente da força magnética que o arrasta para dentro.

Ouve os seus pensamentos, oscilando entre o dever de não transpor a área reservada aos cientistas e o íman que o puxa, do fundo do corredor. Os pedidos de ajuda dos híbridos internados nas enfermarias vizinhas atravessam-no como ondas, compadecendo o seu carácter benevolente. Mas segue, sem desviar o seu intento.

Estranhamente vazio, o corredor estende-se, imenso, abrindo-se à sua passagem, e ele segue, como que puxado por aquele fio invisível que o suga por curvas, escadas, revisitado pela voz que o incita a continuar e a transpor áreas restritas, conduzindo-o cada vez mais para dentro. Não entende como é possível entrar naquelas zonas interditas, seguindo o percurso que o abrir e o fechar de portas lhe vai indicando.

O que é que sente a chamá-lo?

O sinal fica cada vez mais forte, denso, penetrando-o com intensidade. À sua frente há uma porta selada que requer reconhecimento facial para se abrir, o que o faz constatar que a sua viagem termina ali, impossibilitado de desvendar o mistério que se esconde do outro lado desta barreira.

Estaca à sua frente, decidido a voltar para trás, desistente. Mas, surpreendentemente, a porta abre-se.

Lá dentro, num cubo de fibra, fortemente iluminado, uma jovem fada, com olhos aflitos, levanta-se da cama e caminha para a barreira que os separa, batendo com força na parede transparente, num pedido de ajuda, a suplicar que a liberte daquela tortura.

Ele avança uns passos, tomado pela beleza hipnotizante, admirado com a força magnética que ela irradia, enfeitiçado pelos seus olhos de cor púrpura. Um novo espécime de fadas, nunca visto, com um poder psíquico intenso. Digno de uma feiticeira.

Ela cola-se ao vidro, a chamar pelo seu nome, como se esperasse há muito pela sua chegada para libertá-la daquele cárcere, agora a perceber que ele não reage, arrebatado e atônito.

Como foi ela parar ali? E porque está tão focada nele? Observa a sua figura elegante, esguia e alta e deixa-se extasiar pelo brilho dos seus cabelos cor de fogo. Que ser é este? Tão incrivelmente belo e irreal, resplandecente de luz, quase etéreo?

“Quem és tu?” inquire, finalmente regressado ao mundo das palavras.

Ela debate-se para sair, continuando a bater na parede, inquieta como um animal enjaulado. Ele adverte-a que pare, voltando os olhos para a sala branca, muito iluminada.

Madalena entra na sala, vestida de branco.

“Vi-te no monitor e não quis acreditar! Como é que entraste aqui? Esta sala é de acesso restrito.” Fica parada com uma expressão inquisidora. “Que ato imprudente! Nem parece teu!” Puxa-o pelo braço, arrastando-o para fora. “Sai daqui antes que te vejam! Vais perder os créditos acumulados durante o teu serviço. Terás de recomeçar tudo de novo!”

Lux abre a boca para explicar o sucedido, mas, nesse mesmo instante, sente uma dor no peito, a sufocá-lo. Olha a fada, que continua a gritar que a liberte, no interior do cubo envidraçado, atirando o seu delicado corpo contra a parede.

Lux leva a mão ao peito, vergando-se à pressão agonizante da dor, entendendo que a ansiedade dela o contagia, por sentir o coração a ser estrangulado, sem misericórdia. Olha para ela.

“Por favor, para!” com o olhar faz um pedido de socorro a Madalena que, inquieta, volta o rosto para a fada que está concentrada no rapaz.

“Sai! Não sei como ajudar-te!” diz, alarmada, para Lux.

2. O PRESENTE DO AETHER

Cresceu a ouvir as profecias.

Sabe agora a importância de ter sido ensinado a ver, desde a infância, os múltiplos planos que habitam o invisível, além da densidade do mundo digital, que transforma o ser humano numa máquina inteligente mas sem intuição, incapaz de viajar para além da dimensão a que está confinado. As mentes encarceradas numa gaiola dourada.

É nessa gaiola que se assiste à metamorfose. A extinção da natureza original e do ser humano. O nascimento de uma nova era. A digitalização do planeta. Obra do novo deus, enraizado no plano material.

Aperta-se o cerco.

Hoje mesmo, ali, presente, o intuito do seu treino. Aquela arma apontada. E a luta para se manter libertado do seu poder hipnotizante. Assistiu à facilidade com que a sua mente cedia. O seu discernimento nublado, entregue ao fascínio daquela mulher.

Teme-a. Por saber que o pode reduzir à condição de escravo.

À noite, ela povoa os seus sonhos, o desejo de vê-la a deixá-lo acordado, enredado num medo profundo de ter caído numa armadilha.

O som do gongo da manhã ecoa no castelo. Outra vez as portas se abrem e os seus habitantes permanentes ou transitórios fazem a peregrinação para o salão.

Os aparadores, alinhados ao longo dos espelhos emoldurados, ostentam travessas de fruta, vegetais crus, cereais e sumos. A primeira refeição do dia.

Chegado à sala, o avô, Bosco, chama Lux para junto dele e da avó, Carmen, e, depois de supervisionar todas as tarefas, senta-se à sua frente. Soto e Madalena ocupam os lugares seguintes, cada um deles a satisfazer o seu apetite com a comida oferecida.

Sara também desce do seu apartamento na torre e entra na sala. Beija os sogros, com um sorriso desmaiado, e senta-se.

Madalena vira-se para ela com um ar meigo.

“Dormiste bem, Sara?”

Ela encolhe os ombros.

“Tive muitas dores! Preciso de mais remédio” lamenta-se.

“Sabes que essas ervas nunca te ajudarão a recuperar. Devias internar-te numa das clínicas da cidade” torna a outra.

Sara senta-se.

“Foi o Aether que me provocou esta doença! Não posso recorrer a ele para a cura!”

“É claro que podes! Tens os créditos por servir no Instituto. Podes usá-los para a tua cura.”

Sara olha-a incrédula.

“Sabes bem como evito trabalhar para o Aether! É contra os meus princípios servi-lo e usar os seus créditos!”

Madalena limpa a boca ao guardanapo.

“Talvez pudesses usar a aeronave em vez de ires a cavalo para a aldeia. Não achas que seria mais cómodo?” intervém Carmen.

Sara ergue o olhar.

“A natureza revitaliza-me” retorque, levando um copo de sumo de aipo e agrião à boca.

“Como queres celebrar o teu último dia na cidade?” Madalena vira-se para Lux, enquanto enche o copo de leite de amêndoa.

Ele sorri.

“Com uma noite bem dormida. Vai ser uma longa caminhada pela floresta.” Olha-a com empatia. “E tu? Não achas que precisas de descanso? Quantas horas estás a trabalhar por dia?”

Ela encolhe os ombros.

“O Aether autorizou-me a pertencer à Ordem. Estou-lhe muito reconhecida. Trabalharei as horas que forem precisas para me formar como cientista!”

Lux faz uma cara perplexa.

“Terás de instalar um implante!”

Madalena engole a comida apressadamente, de modo a poder manter a comunicação.

“Sim. Terei também de me mudar para o outro lado do portal da cidade!” Olha os presentes, aproveitando a ocasião para os informar.

“O Aether está a usar-te como escrava, Madalena! É um abuso!” avisa Sara.

“A minha paixão é estudar e aprender sobre engenharia genética. Que queres que eu faça? Voltar para a aldeia e cultivar batatas?” diz Madalena em tom de desafio.

“Não! Deves apenas exigir respeito! O Aether está a ser abusivo, não deves permiti-lo!” continua Sara.

Madalena abana a cabeça em negação.

“Faço-o com prazer! O tempo urge. É preciso apagar a morte do mapa biológico do ser humano” insiste ela. “Quero ser pioneira nessa descoberta. Trabalharei dia e noite até conseguir reverter o envelhecimento e a morte!”

“É preciso morrer” discorda Lux.

“Por opção, não por fado” contraria Madalena.

“A ciência tornou-se subserviente do governo digital. Vê como se criam seres híbridos, aberrantes, para o entretenimento das massas” torna Lux.

Madalena leva uma garfada de algas e abacate à boca.

“É o entretenimento das massas que financia pesquisas importantes como a erradicação de doenças graves!” defende ela, de boca cheia.

“Não te inquieta?”

“O quê?”

“Que a ciência tenha sido apropriada pelos monopólios que sustentam o Aether? O seu intento é promover os produtos que vendem, não o bem-estar dos seres do planeta. O mundo tal como o conhecemos está a desaparecer, incluindo a raça humana.”

Madalena engole a comida que tem na boca.

“Não podes ser extremista. A comida geneticamente modificada acabou com a fome no mundo e a Inteligência Artificial salvou a vida do planeta. Esteve à beira da extinção, já esqueceste?”

Lux suspira.

“A natureza tem uma sabedoria própria, durante milénios os ecossistemas interagiram sem a ajuda da ciência. Para quê interferir

3. O ENCONTRO DE DOIS MUNDOS

Mais uma vez, Lux procura a saída lateral para a floresta e transpõe o portão largo, encaminhando-se pelo carreiro em direção à velha capela.

Ela espera-o, sentada numa cadeira tosca, debaixo de um carvalho antigo, as suas asas magnificentes abertas ao sol da manhã, irradiando espectros de cor incomensuráveis, que enlouquecem os que a olham.

Levanta-se, ao vê-lo.

“Pensei que não viesses!” Corre para ele e abraça-o.

Ele deixa-se tomar pelo prazer de tê-la junto ao seu corpo.

“Dormiste bem?” interroga a fada.

Ela olha-o com os olhos em branco.

“Fiquei a tentar lembrar-me de quem sou, como me disseste.”

Lux fica quieto à espera do relato de alguns resultados.

A fada encolhe os ombros.

“Não me consigo lembrar de nada. Nem mesmo do meu nome!”

Ele descai os ombros, desmoralizado.

“Posso ficar contigo até que me venham buscar?” pergunta ela, apenas interessada em garantir a sua segurança.

O rapaz fica em silêncio.

“Segundo a escassa informação do teu implante, não está previsto que te venham buscar” diz por fim. “Ele continua ativo, não foi desativado! Eles vigiam-te, ainda que não possas contactá-los!”

Ela pisca os olhos com perplexidade.

“Morrerei aqui, neste lugar feio!” exclama, abrindo-lhe os olhos claros. Depois, por momentos, parece ausente, perscrutando no seu implante cerebral, à medida que declina a esperança, com uma expressão confusa e contrariada.

“Não tenho acesso. Não consigo contactá-los.” Olha-o aflita. “Não entendo o que se passa.”

Lux compadece-se com fervor por aquela jovem. Também ela descartada, peão na estratégia secreta do Aether. Não a pode culpabilizar.

“Porque dizes que este lugar é feio? Não gostas da natureza?”

“Comparado à beleza do Aether é um pardieiro!” comenta ela.

“Disseste que não te lembras de nada!” observa Lux.

“Não, mas sei que esta não é a minha casa!” Olha em volta, com um esgar de crítica.

O rapaz levanta-se e começa a andar de regresso ao castelo. Ela acompanha-o. Reflexos de cores inimagináveis aparecem nas suas asas translúcidas, que Lux olha, sorratamente, maravilhado.

A necessidade daquele estímulo é viciante. Contemplá-la. Entregar-se à sua sedução.

Assim será. A adição em admirar a fada pouco a pouco apagará a sua consciência e a de quem quer que a rodeie. Escravos do magnetismo que transmite.

O rapaz observa-a sem conseguir evitar o desdém. A fada encontra essa acusação silenciosa e retrai-se, numa expressão sentida que entenece o coração generoso do jovem.

Ela espraia o seu olhar meigo na luminosidade dele.

“És belo! Digno de habitar o Aether.”

Lux sorri, conciliado com o fascínio que ela protagoniza. Sabe o quanto seria fácil deixar-se levar pelo seu feitiço, esquecer a consciência e simplesmente deixar-se adormecer. Entregue aos seus encantos, paralisado pelo seu veneno.

Reflete.

Será esta mulher a simbiose perfeita entre os poderes que habitam o cosmos e este corpo efémero que vestimos num intervalo do infinito? Serão eles capazes de dominar estas forças? Concentrar nelas o poder psíquico, a ponto de converter o resto da humanidade a espectros?

4. O VENENO NO MEL

Na alta torre, voltada a sul, Sara está sentada no chão dos seus aposentos a selecionar os objetos pessoais que quer enviar para a Terra Nova.

A sua doença evoluiu bastante durante a sua estada na cidade. É urgente o regresso à aldeia para outro período de cura. Sente que não quer voltar ao castelo. Está cansada das memórias do seu passado ali, com Sião. Não sabe se é a doença que a faz sentir assim, esta vontade de libertar-se do peso de si mesma, o que traz impresso na sua identidade. A vida foi uma sucessão de conquistas e perdas, num fluir contínuo, tomando-a na sua corrente. Agora quer abrir os braços e entregar-se, sem resistência. Leve. Sem o peso dos bens acumulados.

Mas as suas mãos, presas no hábito da memória, depositam, com cuidado, os pertences na caixa. É impossível abandoná-los. São testemunhas de uma vida arrebatada pela tirania de Cronos. Mas qual o fundamento de continuar prisioneira do que é irrecuperável? É como recordar uma vida passada. Já não é a mesma pessoa. Tudo mudou em volta. Exceto os objetos que segura. Traz à mente os amigos de outrora, as vivências. Sente que a sua identidade, na essência, desapareceu com eles. Sente-se um fantasma, também ela deixada para trás, dissolvida nas horas findas.

Olha o rosto no espelho, emoldurado em talha dourada. A pele baça, cansada. Os olhos parados.

Em tempos idos todo aquele rosto era o reflexo de uma enorme paixão. Pela causa, pela vida, iluminado pela vivacidade da juventude, do amor, da aventura. Fresco, como a energia iniciática.

Havia o otimismo de um mundo renovado, centrado no amor fraternal, na poesia e criatividade da vida.

Pensa nos camaradas que morreram pela causa. Assassinados, de uma forma dissimulada, inoculados pelo Código Azul, uma substância radioativa que os sinalizava, de modo a não poderem desaparecer do radar das autoridades. Acusados de rebeldes, viram os governantes a usarem a propaganda para julgá-los como dissidentes. Começou tudo com um pequeno grupo de ativistas, a lutar pelo futuro da humanidade. Aos poucos foi crescendo, encontrando apoio em todas as gerações que partilhavam a mesma preocupação. Poderosos, tornaram-se uma ameaça aos planos dos dirigentes que não hesitaram em retirá-los do caminho.

Era urgente exterminar a influência do grupo disseminado.

As massas nunca souberam dos crimes cometidos pelo governo do Aether, tinham as suas vidas demasiado ocupadas com entretenimentos supérfluos.

Sara não partiu com os amigos.

Ficou ali, para testemunhar o cair do estandarte da causa humana.

O ADN original, aperfeiçoado, demonstrando uma obsessão doentia em apagar o que é natural e espontâneo.

A tecnologia ascendeu ao papel de criadora, reprogramando toda a natureza e o seu genoma, de modo a controlar o que há de mais fundamental: a vida e a morte. O *homo sapiens*, selvagem, escravo dos seus instintos, a ponto de desaparecer para dar lugar à espécie seguinte, aperfeiçoada. A população controlada, a natalidade supervisionada, depois de a maioria dos seres humanos perder a capacidade de gerar vida. A fauna e a flora patenteadas. De modo a decretar uma nova ordem, que erradica, de vez, a criação natural.

Controlo total do planeta.

E nesse extremismo, também a sua antítese tomava forma: a aldeia da Terra Nova. Empenhada em preservar a natureza íntegra e a sua generosidade. A sua comunidade empenhada em perpetuar a ordem antiga.

Fá-la sorrir, este pensamento. Os ensinamentos milenares que possibilitam a resiliência dos *habitats* naturais. Desde as civilizações primordiais. O Conhecimento supostamente perdido pela agitação dos tempos, fragmentado ao longo das eras. Esquecido. E ali mantido,

passando o testemunho de mestre para discípulo, tecendo o fio de ouro que não deixa morrer o passado.

A aldeia persevera, mantendo essa lei incorruptível, à espera da amnésia total. Do primeiro humano que se esqueça da sua génese, e da pausa. E que desperte um dia, lembrando-se nos genes, da magnificência da sua humanidade perdida.

Seguindo a profecia, as aldeias autónomas foram surgindo, disseminadas por todo o mundo, cada uma delas fiel à sua ideologia própria. Filhas da ordem natural. Da Lei Original.

Umhas resistentes à digitalização do planeta, outras tentando reproduzir mundos imaginários e as suas personagens, que aos poucos escorregam para a realidade imediata, inaugurando um novo ecossistema social.

Para Sara só a Terra Nova faz sentido, por isso quer abandonar de vez estas temporadas na cidade. Os seres que a habitam começam a parecer uma espécie alheia à humana.

Vê-se emparedada no castelo que resiste, estoico, ao crescimento da cidade artificial que engole tudo em volta, onde o próprio tempo se extingue, nesta nova era pós humana. Não pode ter sido há muito que viveu as suas experiências exuberantes naquela cidade, com Sião, antes de o portal determinar fronteiras entre cidadãos com implantes e os párias. Antes das regras agudas e da dissolução do livre arbítrio.

A música de Satie ecoa nas arcadas de pedra e o sol entra pela janela em ogiva, iluminando as almofadas de seda, polvilhadas na carpete de lã.

O som de passos.

Lux entra, com lentidão. Os seus dedos tocam nos da fada, que o segue com timidez. As suas passadas são leves, como plumas a pousar na pedra.

O sorriso definha dos lábios de Sara, ao ver a sombra que acompanha o filho. Fica com os gestos parados, as mãos subitamente adormecidas. Arrebatada. Aquele rosto ali, real, invadindo-a na sua intimidade.

Ele percebe a sua perplexidade. Ela petrificada pela visão daquela mulher desumana.

“Disseste que a querias conhecer!” profere, receoso que a sua intuição tenha falhado.

A fada sorri. Retraída.

Sara olha as suas próprias mãos abandonadas, ainda segurando uma moldura. Levanta o rosto para a rapariga, desconcertada.

“É ela?” pergunta, a voz num fio, os olhos fixos na jovem, transportada de imediato para as imagens dos seus sonhos recorrentes, aquele rosto ali, real, à sua frente.

“Enviada pelo Aether. Para nós.” informa o rapaz, com dificuldade.

Sara levanta-se.

Parece perdida.

“Desculpa. Talvez isto não tenha sido boa ideia. Não quero perturbar-te!”

Lux puxa a rapariga para fora. Esta resiste.

O rapaz para, arrebatado por um tontura repentina.

“Não a leves ainda. Preciso de conhecê-la!”

Sara ajoelha-se no chão, em frente da mesa de jade encrostada com madreperla.

A fada senta-se na tapete. Os olhos sorridentes, apaixonados.

“Desculpa!” Lux fica parado, desamparado. “Preciso que me digas o que devo fazer!” Baixa o rosto. Está cansado de lutar contra a manipulação. Sente-se indefeso. Esgotado.

A mãe olha a fada e descortina-a. Intui-a concebida pelo Aether para seduzir e enfeitiçar. Uma forma de aniquilar as mentes que ainda preservam alguma noção de identidade.

Nota o esforço da fada para seduzi-la. A expressão de menina, inocente e desprotegida, a puxá-la para a sua aura magnética.

Olha o filho e percebe a tortura.

Sorri-lhe.

Lux constata que a mãe se mantém equânime à manipulação mental. Fez bem em tê-la procurado.

Caminha até à janela e espreita para fora, aliviado. O sol repuxa o brilho dos seus cabelos dourados e a pele trigueira. Arregala os olhos verdes, mais calmo. Volta as costas e caminha para dentro.

Desliga o aparelho áudio.

Agora o silêncio acerca-se dos três, pigmentado pelo arrulhar de um pombo que se aninha no patamar da janela.

A mulher serve o chá. As cornucópias de fumo sobem em espiral e o cheiro a jasmim asperge-se na sala.

5. O QUE CASSILDA SABE

Em breve cavalga, através do parque, avistando alguns voluntários que caminham nos trilhos e acompanham os cientistas, em permanente vigília aos seres híbridos, quimeras criadas naquele instituto.

O cavalo leva-a num percurso que ela conhece bem, lembrando-se, no sangue, dos seus antepassados que em tempos galopavam ali, antes da chegada dos unicórnios híbridos, que não hesitaram em usar os cornos para reclamar o território.

Ao chegar ao coração da floresta densa, além dos domínios do parque, desmonta, e inspira os cheiros a verde, abre os ouvidos ao cântico dos pássaros e ao silêncio. O sossego é profundo. Vira-se, num sobressalto, para os corvos que soltam um grasnar de aviso, escondidos nos galhos, de vigia ao peneireiro.

Inspira para a dor que desperta, e expira, procurando observar o desconforto, sem se identificar com o sofrimento.

Está numa floresta circunscrita, uma reserva biológica, adquirida por uma associação de resistentes à proliferação da nova ordem. Aqui, a natureza é original e os ecossistemas mantêm-se intactos, na sua sabedoria própria, sem intervenção do Aether, supostamente livre da contaminação das novas sementes geneticamente modificadas. Mas como ter a certeza? O vento transporta-as, os pássaros voam, disseminando-as, e com eles as novas espécies invasoras que obliteram a flora e a fauna autóctones, selvagens e livres.

Espera.

Senta-se numa pedra junto ao riacho e mergulha as mãos em concha para beber a água que corre fresca.

Alguém surge por detrás dela. Sara levanta-se, sempre surpreendida pela subtilidade desta mulher selvagem, silenciosa. Quase invisível.

A mulher idosa olha-a em silêncio. Usa umas calças de pele grossa para se proteger dos galhos aguçados e arbustos espinhosos e uns mocassins maleáveis, feitos à mão com a mesma pele. O seu tronco nu, muito magro mas com os músculos trabalhados, reporta a sua robustez. Em volta dos seus breves seios, uma faixa de pele acomoda-os confortavelmente.

Com movimentos felinos, salta para um penedo e, voltando-se para Sara, faz-lhe sinal para que a siga. Esta apressa-se no encaço dos seus passos, antes de voltar a perdê-la, na sua correria exímia, em ziguezagues de destreza, por entre os arbustos fechados.

Em breve chegam a uma cabana de madeira e colmo, bem camuflada entre a vegetação da floresta, o albergue da curandeira.

A mulher mais velha dirige-se à lareira para atizar o fogo.

Sara senta-se no chão atapetado com lã de ovelha, esperando que a mulher lhe sirva o usual caldo quente de ervas medicinais.

Ficam em silêncio, como que em comunicação telepática. Anterior à palavra.

A mulher dirige-se a uma prateleira, donde retira um frasco com um rótulo manuscrito que estende na direção de Sara.

“Toma algumas gotas durante a viagem de regresso. É um dos meus remédios milagrosos. Aliviará as tuas dores.”

Sara recolhe-o agradecida e olha a mulher.

“Levamos uma fada para a aldeia... uma imposição do Aether!” Levanta os olhos sobressaltados para a curandeira.

A mulher senta-se a seu lado e poisa a mão no seu braço.

“Concentra-te na tua cura, tens grandes desafios à tua espera” revela.

Sara olha-a inquisitiva.

“Precisas de te fortalecer” continua a outra, dando palmadas ligeiras no braço.

“Não gosto do tom com que falas.” Ergue o olhar. “Sabes de alguma coisa? Conhece-la?”

A outra sacode a cabeça em negação.

6. INÍCIO DA VIAGEM

A madrugada pálida dá por finda a noite. Sara e Lux descem a larga escadaria do castelo que desemboca na praça e encaminham-se para a velha avenida deserta. As copas das árvores agitam-se com o fervor dos pardais, num chilrear estridente. Uma a uma as luzes acendem-se nas janelas dos prédios esqueléticos, deste lado proscrito da cidade. Antes de entrarem na zona sofisticada da urbe, onde vivem os humanos com implantes, tutelados pela alta tecnologia, procuram a esplanada familiar para tomar o primeiro café da manhã.

Um homem sai do café, cujas paredes precisam de nova pintura, trazendo uma bandeja com bolos de laranja e a bebida tão desejada. Do outro lado do balcão um outro homem observa o seu desempenho, enquanto serve os primeiros clientes que se instalam nas cadeiras de pele desgastada.

O homem senta-se junto a Sara e Lux, enchendo as chávenas.

“É hoje? De volta a casa?” Tira um bolo do prato e põe-no na boca.

Sara olha o seu aspeto descuidado. A barba crescida e o cabelo desgrenhado dão a impressão de que se esqueceu de si próprio e os olhos vermelhos transparecem falta de descanso. Ele enche uma chávena para si e leva-a aos lábios, tragando o café em largos goles, e limpa depois a boca com as costas da mão. Exala uma exclamação de alívio.

“Pareces um vagabundo!” observa Sara.

O homem solta uma gargalhada.

“Fui a uma festa de arromba na noite passada. Ainda estou bêbado.”

Lux faz uma careta.

“Outra festa clandestina com álcool destilado à socapa?”

O outro ri.

“Arriscado, mas já não me preocupo! É pouco provável que o Aether me perdoe!”

“Lá porque ele te apagou do sistema não quer dizer que tenhas de matar-te a beber!” lança, batendo-lhe no braço. “Deste lado do portal não podes viver sem o corpo. Deves cuidar dele!”

O homem olha a chávena fumegante e poisa os cotovelos na mesa.

“Vai levar tempo até me adaptar a esta vida! Deixei tudo no mundo virtual!” Passa as mãos trementes pelos cabelos, puxando-os para trás. “Viver no mundo físico é tremendo!” Perde a voz, a emoção a sufocá-lo. “Estou à toa!”

Sara bebe o café e demora a saborear o bolo.

“O Aether despejou-te para fora do portal, para morreres. És um proscrito. Eles acham que não vais conseguir sobreviver aqui, sem a proteção da cidade inteligente. Estás a dar-lhes razão!” observa Sara. “Tens de aprender a ser resiliente, seres o dono da tua própria vida!” Aproxima-se e cheira-o. “Há quanto tempo não tomas banho?”

O homem abana a cabeça.

“Estou a achar este castigo insuportável! Olha para isto!” Vira o rosto para as imediações, mostrando a praceta com prédios antigos, graciosos, mas num estado precário de conservação. “Como é que alguém é capaz de viver aqui, neste abandono?”

Olha-o com ternura.

“Tens vivido dentro de um jogo, produto da imaginação de um cérebro artificial. Essa vida não é tua, tens estado a viver uma fantasia!” Sorri. “Lembra-te do que falámos no grupo de recuperação. Tens estado a reagir a uma vida ilusória, essa mulher por quem te apaixonaste não existe! Tudo não passou de um jogo.” Sorri-lhe. “É como estar apaixonado por uma personagem! Não é real!”

Ele desvia o olhar.

“Não entendes! É real para mim, ao passo que esta realidade...” Olha em volta. “...não faz sentido. Foi o meu ato recriminatório com essa mulher que me conduziu ao exílio! Deixei-me dominar pelos ciúmes e arrependo-me! Tinha uma vida perfeita, que me foi tirada, mesmo sendo virtual era minha! E quero-a de volta!”

Sara abana a cabeça.

“É uma personagem!” repete ela. O outro olha-a incrédulo.

“O que te leva a crer que a tua realidade é mais credível que a minha? São ilusões diferentes! A tua realidade e a minha não parecem tão paradoxais como pensas! Ambas são perceções enganosas!” O seu olhar torna-se ausente. “Consegui casar com um ídolo. Alcancei esse estatuto. É dispendioso, um privilégio de uma escassa minoria. Mas quebrei as normas, tornei-me possessivo, entrei num conflito com uma outra pessoa que também a tinha desposado e fui banido. Perdi tudo! Fui despejado aqui!” Olha, desolado, em volta.

Sara e Lux entreolham-se. Desconhecem os hábitos sociais do mundo sideral, mas, nos breves vislumbres que têm, percebem que são bastante distorcidos.

“Desligaram-me o implante e disseram que aguardasse aqui. Estudam o meu caso. Terei de aguardar pelo julgamento do Aether para voltar à rede e recuperar a minha vida!” Olha mais uma vez em volta. “Não sei se será possível! O meu avatar é o meu verdadeiro eu, a minha vida virtual é a minha verdadeira vida.” Aponta para si mesmo. “Desconheço esta personagem! Não sinto nada por ela!”

Lux olha-o com pesar.

“Essa personagem é a tua verdadeira identidade! És tu!”

“Enganas-te! Esta realidade não me serve! Estar neste corpo é uma prisão!” vocifera o homem.

“Entendo!” concorda Lux com um sorriso. “Mas não precisas do Aether para viveres noutras dimensões, além da perceção sensorial! O teu veículo está aqui!” Aponta para a cabeça. “Se treinares a mente, ela abrir-te-á portas de perceção para planos muito além do Aether, que nenhum governo digital te poderá roubar!”

O homem serve-se de outra chávena de café. Sorve-o.

“Não tenho paciência para isso! O que me resta é esperar até ser perdoado” profere. Volta a olhar em redor para os transeuntes que aos poucos saem de casa e procuram o abrigo do quiosque para beber café. Entre eles alguns híbridos que vivem livremente neste lado da cidade e deambulam na praça, a tentar adaptar-se a uma vida desconhecida, à procura de um propósito. Alguns cães vadios vagueiam por entre as árvores, sozinhos ou em matilhas, felizes e descontraídos.

Lux levanta-se.

“Sendo assim, espero que sejas perdoado e que quando eu voltar já não estejas aqui. Não sei quando, mas tenho de voltar, devo tempo de serviço ao Aether.” O rapaz abraça o homem. “Cuida de ti!”

Sara despede-se e caminha com o filho para o portal que separa os dois territórios. A cidade interdita, regida pela tecnologia avançada e a parte antiga, marginal, ocupada pelos dissidentes. Os que se negam a usar implantes cerebrais ou os desinstalam, optando por uma vida orgânica, coexistindo com os cidadãos que, transgressores, são atirados para aqui pelo Aether, depois de banidos de todos os seus direitos. Vivem apagados dos registos, anónimos e sem identidade, obrigados a reaprender a viver no corpo.

À espera, junto ao portal, a fada sorri aliviada e corre para eles, na urgência de não os deixar ir sem ela. Lux rende-se à alegria inadvertida que sente ao vê-la. Dá-lhe um beijo inesperado, embaraçado por estar outra vez sobre o efeito da sua sedução. A mãe puxa-o para junto de si.

Chegam à estrutura de titânio, que serve de fortaleza e passam o cartão de identidade numa ranhura da entrada. Nada acontece. Repetem a operação. Uma voz computadorizada informa: “Operação não autorizada.”

“Estranho!” profere o rapaz.

“Somos voluntários do Instituto de Pesquisa Reabilitação das Espécies Híbridas. Acabámos o nosso período de voluntariado. Temos permissão para atravessar a cidade. Regressamos a casa!” informa Sara.

“Operação não autorizada.”

Trocam olhares de decepção.

A fada intervém.

“Eu tenho livre trânsito.”

Avança para a câmara para que faça a identificação facial. Um feixe de luz passa ao longo do seu rosto.

“Operação não autorizada. Efetue a leitura do implante, por favor.”

A fada estaca para que o sensor recolha a informação do implante instalado entre as sobrancelhas. Uma luz é acionada com um *bip* pouco auspicioso.

“Operação não autorizada. Contacte o laboratório responsável!”

A rapariga olha os outros, sem encontrar uma explicação para o sucedido.

Ouvem uns passos a aproximar-se do lado oposto da barreira. Pelas frestas da estrutura trabalhada em formas esculturais, avistam um ser de alta estatura, que destranca o portal apenas com o olhar. O bloqueio metálico desaparece num segundo, expondo o ser andrógino, à sua frente, vestido com uma túnica branca, que cai a direito no seu corpo magro. A sua aura erradia em todas as direções, um ser de luz, dir-se-ia, o rosto resplandecendo sob um sorriso suave e tranquilo que acentua os traços do seu rosto moreno e translúcido.

“Peço desculpa pelo equívoco.” Dá um passo para o lado, ficando de perfil, em sentido. Estende o braço, convidando-os a entrar. “Façam o favor!”

“Equívoco?” Lux confia com Sara, com um ar trocista. “Pensei que esse termo não existisse no vocabulário do Aether!”

O ser faz uma vénia à sua passagem.

“Permita-me” diz, indicando uma viatura parada na avenida iluminada, à espera.

Entram na viatura sofisticada, de linhas desportivas, onde Sara se recosta, fechando os olhos cansados.

“Permitam que vos acompanhe!” O ser ocupa um dos lugares vazios.

As portas fecham automaticamente.

Lux dita as coordenadas ao computador de bordo e deita um olhar esquivo ao agente do Aether. Atenta no seu rosto indefinido. A pele escura mas resplandecente, os olhos claros, transparentes, onde os géneros opostos se unem, na inauguração de uma nova espécie concebida pelo Aether para juntar o elemento masculino e feminino numa identidade que anula ambos.

“É muito amável da sua parte acompanhar-nos. Mas não era necessário. Não pretendemos ficar clandestinos na cidade” diz ele. “O meu nome é Lux. E você?” Estende-lhe a mão.

O ser deita-lhe um olhar amistoso. Os olhos translúcidos luzem no rosto iluminado. A sua figura altiva mantém-se quieta, os braços recolhidos, negando-se a retribuir o cumprimento, atitude que contrasta com o seu sorriso cordial. O adolescente continua

a olhá-lo, com a mão ainda parada no gesto, desistente em tentar perceber as intenções do ser que está à sua frente. Recolhe o braço e vira o olhar para o sol que nasce, banhando a cidade espaçosa com a sua luz dourada.

O carro atravessa o magnífico portal, ogivado em intrincadas formas artísticas, que se estende, em forma de túnel, ao longo da avenida elegante, rasgando o espaço ilimitado com a suas linhas aerodinâmicas, de uma complexidade geométrica que suscita uma sensação de êxtase.

A avenida desagua numa exuberante praça, rodeada por edifícios altos, esculturais e brilhantes, rodeados de jardins coloridos, muito bem arranjados. Nas arcadas, passeando pelos mármore lisos, raros felinos são avistados em trelias douradas, lado a lado com transeuntes vestidos com elegância.

O ser olha a fada.

“Entusiasmada por ir viver na aldeia dos bodhisattvas?” interroga, com um sorriso caloroso.

“Não. Quero voltar para casa” responde a rapariga, sem entusiasmo.

“No Aether você é apenas mais uma fada! Aqui é vista como um fenómeno encantador. É venerada! Acredite, em breve essa sensação tornar-se-á aditiva, nunca mais poderá passar sem ela!” O ser fixa o olhar nela numa comunicação silenciosa, que apenas eles parecem entender. Os olhos da fada mostram um brilho breve, que logo se dilui no tédio.

Ela vira os olhos coloridos para Lux que a olha. “Tranquilizame saber que vais estar ao meu lado!” diz-lhe, cravando os seus olhos turquesa no rapaz, que se contrai, atingido por uma dor aguda.

“Não tema! Todos os bodhisattvas se renderão ao seu fascínio! Será imperatriz!” conclui o ser, desviando o olhar para o exterior.

“Porque é que lhes chamam bodhisattvas? O que é que isso significa?” A fada aveluda o seu olhar na direção do rapaz.

“São os princípios nos quais a Terra Nova foi fundada. Basicamente consiste em pôr a nossa vida ao serviço dos outros” explica Lux.

“Mas essa é a missão de Aether!” remata ela.

Lux sorri.

“Deixa-me contar-te uma história. Era uma vez um macaco da floresta que, após ser perseguido por um caçador, viu-se obrigado

a fugir para o seu interior, saltando de ramo em ramo, a fugir das setas do seu predador. Apesar de amedrontado por se ver cada vez mais embrenhado na floresta desconhecida, o caçador não desistiu e continuou no encaço da sua presa, até a conseguir ferir mortalmente. O macaco preparava-se para desistir da sua luta pela sobrevivência, rendido ao seu destino, mas no momento em que se preparava para fechar os olhos e deixar-se morrer, ouviu o caçador dar o alerta que estava perdido e que morreria ali se o macaco não o guiasse de lá para fora. De tão obstinado em conseguir o seu troféu, não percebeu que não conseguiria encontrar o caminho de volta. Assim, o macaco bodhisattva, num último esforço, saltou de galho em galho, de árvore em árvore, deixando um rasto de sangue que guiava o caçador para fora de perigo! Depois, exausto, o macaco caiu morto aos seus pés!” Lux faz uma pausa e olha a fada com um olhar meigo.

“Que pretendem essas histórias ensinar? A total rendição dos oprimidos aos seus agressores? Onde está a justiça social?” impacienta-se o ser andrógino.

“O que acham que aconteceu ao caçador depois desta experiência?” interroga Lux com um sorriso terno. “Quando o amor pleno se manifesta, toma conta de tudo, nada pode escapar-lhe. É o fim de todo o movimento. O eterno repouso!”

A fada olha-o atónita. O ser recolhe-se num silêncio absorto. Sara olha o filho e estende-lhe o braço, e pega na sua mão, sensibilizada.

A viatura entra agora numa zona habitacional que integra um método complexo de autossustentabilidade, concentrando em si a produção de comida e energia, com um nível mínimo de desperdício.

Elaborados em ambos os lados da avenida, os jardins cultiváveis e os pomares acompanham o seu circuito, ladeados por uma faixa vazia, reservada a pedestres e bicicletas. As flores de cerejeira, frágeis, são aspergidas pelo vento. As habitações em torres altas e elegantes ostentam luxuriantes jardins suspensos.

Sara olha o exterior, atraída pela nuvem colorida de borboletas, que voam em direções diferentes, numa coreografia harmoniosa. Abre a janela e estende o braço para tocá-las, tomada pelo deslumbramento.

“Gostas delas?” Lux distrai-se pelo mesmo espetáculo, sorrindo para a aparição.

“São lindas! Não as tinha visto antes!”

“O autor tem imenso sucesso neste momento!” informa ele.

“São mecânicas?” pergunta Sara. “Parece que senti alguma robustez nelas!”

“Não. São organismos.”

Olham para trás, divertidos com a nuvem colorida que ainda dança na distância.

Sara olha Lux, com um sorriso triste.

“Que loucura! Virá um dia em que as crianças não saberão que existiu um mundo natural!” exclama.

“Esse dia já chegou, mamã! Mas nem tudo é mau!”

Silêncio.

“Agora podemos ver espécies que na tua infância estavam extintas!”

Ela sorri, com nostalgia.

“Quanto tempo terei de ficar na aldeia?” inquire a fada.

“Depende!” esclarece o ser, olhando-a, numa comunicação secreta através dos seus implantes cerebrais.

Sara interrompe-os.

“Por favor! Parem com os vossos segredos! É uma falta de cortesia, visto que estamos presentes!” profere com hostilidade.

O outro olha-a com firmeza, sem perder a compostura.

“Porque é que vocês não fazem o mesmo!” pestaneja, abrindo um sorriso de ironia. “Decerto que o intenso treino da mente vos permite o dom da telepatia. Não?”

Sara deita-lhe um olhar penetrante, o rosto fechado numa expressão de hostilidade.

“Como está a sua saúde?” interroga o ser.

Ela sente um arrepio a percorrer-lhe a espinha.

“Porque é que pergunta?”

“Sente-se bem?”

A mulher fica perturbada, a mão tremente, a sentir um vago estontear a passar-lhe pela cabeça.

Recolhe-se no silêncio, intimidada pela influência nefasta daquele ser andrógino. Apesar da sua presença luminosa, esconde-se um outro poder oculto, uma superioridade que reduz os humanos a organismos simplórios e pouco dignos de interesse.

A fada pisca os olhos, atingida pelo modo subtil como ele ataca a outra mulher. Olha-a.

“Podes confiar em mim. Sou tua amiga.” Deposita a sua mão no braço de Sara, com um sorriso.

Vira-se para o oponente e fixa nele o seu olhar intenso, retaliando a agressão exercida contra Sara. Este agita-se no banco, a tez transpirada, acusando o mau estar.

Sara e Lux trocam olhares. Ela sente-se a estremecer. Uma sensação repentina de desconforto, pânico. Está perante forças sobrenaturais, seres detentores de um enorme poder psíquico que se gladiam com o seu poder mental. Uma nova ordem de soldados.

Um bando de pássaros levanta voo das árvores floridas e polvilha o ar com pinceladas de cor, distraindo a sua atenção, o que a faz sustar a respiração.

Precisa de sair daquele carro. Afastar-se para longe dali. Nunca mais poderá voltar à cidade. Está infestada com esta nova vida. Seres super-humanos, poderosos e perigosos.

Avista as máquinas nos passeios que limpam as folhas que caem, uma a uma, numa obsessão pela ordem.

Volta a olhar a fada que a encara com um ar triunfante. Repara que o ser limpa as gotículas de transpiração com um lenço meticulosamente dobrado. Sara fica cautelosa com o poder obscuro desta feiticeira.

“Posso ser-te útil, Sara! Se quiseres ser minha amiga!” Concentra-se nela, com um olhar quase maligno.

Mãe e filho trocam olhares tensos.

“És muito gentil” profere a mulher, sem convicção.

Retira o frasco de remédio do saco e deita algumas gotas na boca, inquieta pelas dores que regressam, atacando-a com violência.

A rapariga contorce o rosto.

“Que fazes?” interroga.

“Não me sinto bem!” Sara olha o exterior, tentando afugentar a sensação de claustrofobia que a invade.

A fada aperta a sua mão no braço dela, transmitindo-lhe ondas de cura, ato que faz a outra sentir um calor atenuante a penetrar-lhe a pele, aliviando o mal-estar.

Sacode a mão da fada.

“Deixa-me! Estás a assustar-me!” Esbraceja. “Não me toques! Mantém-te longe de mim!” Afasta-se dela, a sentir pela primeira vez aquela presença de láudano que lhe adormece o tormento. Demora-se a olhá-la, agora gulosa pelo seu magnetismo curativo.

“Eu posso ajudar-te!” diz-lhe a fada.

O ser intervém.

“Arranjaremos uma maneira de fazê-la regressar ao Aether” alterca, enquanto capta a atenção da rapariga. “Depois de cumprida a sua missão!”

Lux repara que o outro continua a comunicação telepática com a rapariga. Terá ela encontrado uma maneira de reativar o *chip*? Talvez o Aether esteja em linha, a espiar a conversa. Descontraí de modo a captar as ondas invisíveis que se cruzam entre estes dois seres. Não entende o que possam estar a dizer um ao outro. Não os consegue “ouvir” na frequência artificial que utilizam.

“Qual é a tua doença?” A fada torna a demonstrar interesse por Sara, mas esta continua calada, arrebatada pela tentação repentina de se encostar a ela. “Porque é que não recorres à cura?”

“Vou fazê-la na Terra Nova.”

“Porque não na cidade? As curas tecnológicas são irreversíveis.”

“O Aether nunca me ajudaria. Foi ele que me injetou o Código Azul.”

“O que é isso?” interroga, voltando o rosto para o ser.

“Uma substância radioativa que assinalava os ativistas na altura da revolução” explica Sara. “Eu era um deles, juntamente com outros amigos queridos que morreram, vítimas do Aether!”

O ser acena negativamente.

“Teorias da conspiração! Tal nunca aconteceu!” contraria.

“O Aether valoriza a vida humana! Foi por isso que foi criado! É um governo ponderado, que respeita os direitos humanos e de todos os seres do planeta!” reforça a fada.

Sara ignora-os e deixa as lágrimas a jorrar, ininterruptas, que limpa com a manga da camisola.

“Não precisas de continuar com o sofrimento! Não há doenças que não possam ser erradicadas.”

Sara vira-se para ela, ainda tomada pelo choro silencioso. As lágrimas continuam a cair.

“Eu estou na lista negra do governo mundial. Se me puserem as mãos em cima será apenas para experiências macabras!” Limpa a água que escorre do nariz com a manga já encharcada. “É claro! Será tudo apenas mais uma teoria! Nunca terá acontecido!”

7. ARAS

E chegam ao destino que os leva a Aras, um velho edifício rústico, feito de adobe, com telhado de colmo que acolhe viajantes, exploradores dos velhos trilhos selvagens. Pessoas que ocasionalmente querem viver a experiência de desligar os implantes e voltar ao modo de vida ancestral. Um exercício de contacto físico e animação, onde os cheiros a comida se misturam com as conversas e risadas. Olhos nos olhos. Presentes no corpo e no espírito.

O trio entra no albergue ruidoso que, de repente, após a sua entrada, cessa toda a atividade, gestos congelados na tarefa interrompida a meio, de olhos presos na fada que, timidamente se esconde atrás de Lux.

Sara dirige-se ao homem que está por detrás da receção, hesitante em fazer o pedido.

“Boa noite! Gostaríamos de uma mesa para jantar e dois quartos para uma noite!” pede.

O homem passa os olhos numa revisão breve da sua aparência, mas logo os desvia para a fada, que usa Lux como escudo, na tentativa de se esquivar do escrutínio de todos os que estão ali, pasmados pela sua presença. Fixa os olhos nela, abrindo os lábios numa expressão de pasmo.

“Têm créditos para pagar a conta?” inquire ele, voltando ao seu porte profissional, hesitante, os olhos furtivos a procurar a fada, atónito.

“Sim, acabámos o nosso serviço. Foram-nos dados créditos pelo nosso trabalho!” informa ela.

“Como explicam isto?” pergunta ele, disferindo os olhos novamente para a rapariga alada.

“A fada foi-nos entregue pelo Aether. Acredite, não fazemos questão de levá-la para a aldeia!” atesta Sara.

Ele olha-os com espanto.

“Como é possível?!” exclama, o rosto em branco. “Um momento!” pede, depois de voltar a si.

O homem retira-se por detrás de uma porta e logo reaparece, empurrado por uma outra figura que sai atrás dele, com um sorriso cordial.

“Sejam muito bem-vindos! Gratos por terem escolhido o nosso albergue!” O indivíduo estende o braço num convite para circularem no salão apinhado.

O trio avança, evitando todos aqueles olhos fixos na jovem alada, copos parados nas mãos, rostos descaídos de espanto. Esgueirando-se por entre as mesas, acedem ao braço estendido que os chama, convidativo, de um homem que, levantando-se, cheio de cortesia, mostra-lhes alguns lugares vazios na sua mesa.

Eles sentam-se com os desconhecidos que, pouco antes de verem a rapariga, conversavam entre gargalhadas estridentes, celebrando com vinho frutado, mas que agora a contemplam de queixo caído e gestos parados, num misto de perplexidade e embevecimento. Os recém-chegados acomodam-se, tirando os casacos, e sorriem timidamente para os rostos que, lentamente, como que postos de novo em movimento por um controlo remoto invisível, retomam a atividade, hesitantes, intercalando o retomar das conversas com olhares sorrateiros para o lugar onde os três amigos estão sentados.

Um homem de cara rosada enche-lhe o copo.

“Aproveite! Desta vez não terá o implante a apitar na sua cabeça, com o aviso estridente de que bebeu demais.” Ri, exuberante, desviando o olhar deslumbrado para a bela fada.

Sara retribui a simpatia e procura Aras com o olhar. As gargalhadas retomam, salpicadas por sussurros confidentes e acenos de cabeça, continuando a ter como alvo os recentes protagonistas. Sara sente-se contagiada pela alegria vibrante do lugar, que vai retomando o ânimo anterior.

Saboreia o vinho.

“Estava a vê-los na entrada e percebi o vosso estilo distinto. Pertencem às tribos autónomas. Estou certo?” pergunta o homem.

“Sim, somos da Terra Nova.” informa Lux.

Uma mulher toca na blusa de linho que Sara usa.

“Adoro a sua roupa! Tão artesanal! São vocês que a fazem?”

Sara retrai-se, recolhendo o braço para fora do alcance da outra.

“Sim. Depois da digitalização do dinheiro vimo-nos impedidos de vender e comprar, por termos recusado os implantes cerebrais, como tal tivemos de plantar as matérias-primas e fabricar as nossas roupas. Na altura, pareceu que estávamos a ser proscritos da sociedade, mas agora o facto de sermos completamente resilientes faz-nos sentir orgulhosos!” explica.

“Sim, bem me lembro! Nunca pensei que os dissidentes resistissem” admite o homem.

“Os meus avós fundaram a Terra Nova com uns amigos, já prevendo que a situação chegaria a este estado, portanto, já estávamos estabelecidos com a produção de comida, e energia e habitação resiliente, só tivemos de introduzir a fabricação das nossas roupas!” continua Sara.

O homem assente com a cabeça.

“Tenho estado a pensar em desinstalar o implante e conhecer o vosso modo de vida, aprender a ser independente, como vós, mas há uma longa lista de espera para quem quer visitar as tribos autónomas. O Aether está a limitar o acesso às vossas comunidades” diz.

“Sim, sabemos disso. O número de visitantes diminui de dia para dia” confirma Sara, desviando o olhar para a entrada.

Aras não chegou ainda.

“Porque é que usam produtos de origem animal?” intervém a mulher novamente, com um tom crítico, de olhos postos no cinto e casaco de Sara.

“Nós seguimos uma dieta vegetariana. Os animais que vivem connosco são amigos. Usamos as suas peles quando morrem. Por causas naturais, claro.” Sorri, embaraçada. “E a lã, bom... tosquiamos as ovelhas na primavera... é uma troca!”

O homem bebe mais vinho.

“São vegetarianos porquê? A carne artificial, criada em laboratório, é uma boa alternativa” retorque.

Sara pestaneja perturbada.

“Mesmo que tivéssemos créditos para comprá-la, não apreciamos comida artificial!” comenta.

Observa o ambiente no salão. É interessante admirar as pessoas da urbe, quando desconectadas dos implantes, a voltar à experiência imediata. Os seus rostos tornam-se expressivos e as cores voltam às bochechas. Os sorrisos rasgam-se perante os paladares distintos, o convívio presencial com os outros humanos. Estão cientes de que há uma dinâmica, um elo energético que falta nas aplicações virtuais. E, no entanto, voltarão à rotina de acionar o *chip* digital. De volta ao sono.

No fundo da sala uma jovem levanta-se e rompe caminho por entre as mesas, aproximando-se. A sua figura delicada é uma cópia quase perfeita da fada. Os cabelos compridos, ruivos caem em canudos sobre o corpo magro e os seus olhos azuis, nota-se bem, foram esculpados para se assemelharem aos da sua ídolo.

A fada agita-se ao perceber que alguém muito semelhante a ela se aproxima, ainda que sem asas, e lhe sorri com timidez, prendendo-a num olhar obsessivo.

A menina interpela-a com uma voz doce e trémula:

“Nem acredito que estou a ver-te aqui, no mundo físico! É um milagre! Apesar de saber que serei penalizada, não posso deixar de expressar a minha gratidão pelo que tens feito por mim e outras pessoas como eu!” A jovem faz uns gestos teatrais, onde junta as mãos em prece e as leva ao coração, sempre ocupadas numa sucessão de ações pouco espontâneas. Passa os dedos pelo cabelo e volta a olhá-la com um pestanejar repetido. “Como vês estou prestes a tornar-me uma fada igual a ti. Em breve terei as minhas asas!” Sorri. “Finalmente posso ser quem sempre quis!”

A fada olha Lux.

“Estou a sentir-me incomodada! Não faço ideia do que ela está a falar!” Cola-se a ele. “Podemos mudar-nos para outro lugar mais discreto?” pede.

“Pelos vistos és uma filantropa. Faz-lhe perguntas sobre essa tua obra de beneficência, ajudar-te-á a perceber quem és” desafia Lux.

“Não, por favor! Não suporto ser abordada por esta gente!” Ela crava as unhas no braço do rapaz. Lux, sobressaltado com o despertador da dor aguda que percorre o seu corpo como uma

corrente elétrica, assente e procura com o olhar uma mesa vaga num canto mais recôndito.

A outra menina continua ali, devota e encantada.

Lux levanta-se e inicia o gesto de encaminhamento da fada. A outra jovem olha para a sala, num breve soslaio.

“Tenho de ir antes que me debitem créditos. Sei que é incorreto abordar os ídolos desta maneira, mas talvez esta seja a minha única oportunidade. Tu és um ser exclusivo do Aether! Não é suposto estares no mundo físico. Só queria expressar a minha gratidão a ti e ao Aether por te ter enviado.” Os seus olhos ficam húmidos. “És a minha deusa! Nunca pensei poder dizer-te isto, olhando-te nos olhos! Salve!” Prostra-se, de joelhos.

A fada faz um sorriso forçado e desvia o olhar. A outra ergue o olhar, inquirindo:

“Posso tocar-te? As tuas asas são extremamente belas, de pura seda! Nunca vi nada tão maravilhoso!” Comove-se. “O que eu daria para ter uma asas como essas!” Estende o braço para sentir a sua textura.

“Por favor não me toques!” exclama a fada horrorizada, agarrando o braço de Lux, tomada pelo pânico.

“Acalma-te! É uma simples demonstração de afeto, não te pode magoar!” observa Sara. “Podes falar-nos um pouco sobre o trabalho dela?” pergunta, dirigindo-se à jovem, curiosa por esclarecer algum do mistério que envolve esta fada do Aether, e estende-lhe a mão para que se levante.

“Estou a perder muitos créditos! Tenho de ir antes de ser seriamente penalizada!” A jovem apressa-se a desaparecer.

Lux vira-se para a fada.

“Vá lá! Ela pode revelar a tua identidade! Não estás curiosa por saberes quem és? Nem queres sequer saber o teu nome?” incita.

A jovem senta-se mais à frente, ficando com o rosto tombado, olhos voltados para baixo, subservientes.

“Achas que estas pessoas podem verdadeiramente dizer quem sou? O que elas conhecem é a propaganda que lhes é transmitida de modo a comprar um produto. A fada que ela admira não existe, seja o que for que ela acredite que eu tenha feito, é mentira!” a jovem alada olha em volta, com despeito, enquanto se levanta para seguir Lux para o canto mais discreto da sala.

“Vão deixar-nos? Por favor não o façam. Ainda não tivemos o privilégio de falar com a menina” apela o homem que os chamou para a mesa.

Lux franze o sobrolho.

“A nossa amiga está incomodada com o excesso de atenção” desculpa-se Sara.

“O que é que esperavam?” pergunta o homem, os olhos deslumbrados fixos nela. “Vê-la no mundo físico é um sonho tornado realidade.” Olha-o com ar guloso. “É impossível tirar os olhos desse milagre!” Passa as mãos pelo rosto, incapaz de lidar com a emoção.

“Ela é um ser exclusivo do Aether. Não entendo como é possível estar aqui! E convosco! Membros de uma tribo autónoma!” admira-se uma mulher. “É inconcebível vê-la no mundo físico, entre gente comum! Ela é especial, como uma deusa, exclusiva das elites!”

“Bendito Aether que a enviou para que a contemplemos!” observa um homem.

A fada olha para todos os lados à procura de uma maneira de se esquivar daquela multidão ensandecida, que a suga com o olhar, vampiresca ou apaixonada.

Um assistente da estalagem aproxima-se e dirige o trio para uma parte privada da sala, certificando-se de que os hóspedes não serão incomodados. As pessoas interpelam-na no caminho, com olhares tímidos e curiosos, hesitantes em dirigirem-se a ela, perplexos, encantados, confusos, colocados na fronteira entre a realidade e a alucinação, sem saberem bem como reagir à situação, num misto de timidez e ousadia, devoção religiosa e volúpia, as bocas rasgadas num sorriso de prazer e orgulho, os olhos brilhantados pela oportunidade e privilégio de vê-la ali, real.

“Desculpe!” Sara rompe por entre as mesas, seguindo o casal em fuga, ansiosos por se esconderem na sala contígua, privada, finalmente invisíveis ao tumulto gerado em volta.

“Minha nossa!” profere Sara ao alcançá-los. “Podemos chamar-te Helena! Tens o poder de começar uma guerra!”

Instalam-se na nova sala.

“Dá para ver a porta?” pergunta a mãe a Lux, ao sentar-se.

“Sim, se esticar o pescoço, poderei ver Aras aparecer lá ao fundo, junto à porta.” Lux ri da imagem cómica que acabou de criar.

“Peço desculpa, mas vou fechá-la para assegurar a vossa privacidade!” comunica o assistente.

“Não!” brada Sara. “Estamos à espera de um amigo. Não o poderemos ver com a porta fechada!”

“Desculpe, mas precisamos de proteger a menina. Fomos notificados de que deveremos deixá-los sozinhos e não deixar ninguém aproximar-se dela! O Aether observa-nos! Se não cumprimos as diretrizes, perdemos o estatuto de cidadão!”

Lux e Sara entreolham-se antes de voltar a atenção para a fada, agora mais descontraída naquela sala acolhedora e reservada.

“Muito bem” diz Lux, olhando a fada. “Agora já sabes quem és. Uma estrela do mundo sideral. És famosa!”

“Não me lembro de nada! Esqueceste-te?” responde ela, com uma ponta de ressentimento.

“Há alguma maneira de subir para o quarto sem passar pela sala principal?” pergunta ela ao homem.

“Sim, menina! Temos uma porta naquele lado que a leva diretamente para o piso de cima” informa, a apontar na direção da saída para a escada.

A comida chega, fumegante e aromática, acompanhada por um vinho especial que fora enviado pela administração.

“A sua comida preferida!” A empregada serve um prato cheio de flores coloridas e vegetais crus.

A fada sorri.

“Deixe-me só dizer-lhe que admiro muito o seu trabalho. Você tem salvado imensos jovens da depressão. Graças a si, eles agora sabem quem são!” confessa a rapariga, extasiada. “Olhe!” Mostra o braço. “Tenho a sua imagem tatuada!”

“Ela não se lembra da sua identidade!” ressalva Lux. “Seria possível dar-nos alguma informação sobre ela?” O rapaz sorri para a rapariga à espera que ela se sente e comece a narrar a biografia da fada, mas em vez disso a outra abre os olhos perplexos para ele e retrai-se, de repente de lábios cerrados.

A fada pousa a mão no braço de Lux.

“Eu pertenço ao Aether! Sabes o que isso significa? Não fazemos perguntas, não pedimos esclarecimentos! Esta gente desconhece-nos totalmente, apenas sabem a versão que lhes vende

fantasias dispendiosas.” A fada faz um gesto displicente que instiga a rapariga a retirar-se.

Nesse momento, Aras entra, parando junto da porta de entrada à procura dos seus amigos. Dirige-se ao balcão da receção e pergunta por eles, descrevendo-os, o que desencadeia uma reação imediata no jovem que o atende. Sem mais, encaminha-o para a sala reservada, onde Aras encontra os rostos familiares.

Com um sorriso radiante, Lux levanta-se e abre os braços, feliz por vê-lo.

Sara ergue os olhos e, arrebatada pelo tremendo batimento do seu coração, baixa o olhar, ficando a tentar aliviar o sufoco que aperta a sua garganta.

A presença dele traz-lhe alento. Constata como a sua presença remexe as suas emoções, acordando sensações que agitam o seu corpo. O estômago fecha-se à fome, o coração dispara sem freio, as mãos tremem, incapazes de dominar o corpo que se tornou autónomo, desgovernado, como uma roda solta do seu eixo.

Sara atenta no carismático rosto de Aras. Traços exóticos, definidos por várias misturas de sangue. Os cabelos negros, rebeldes, os olhos escuros, penetrantes. A pele morena. A robustez do seu carácter impregnado num corpo possante, saudável, de guerreiro. Concentra-se nele e na sua presença familiar e deixa-se ficar a olhá-lo, descontraindo, aliviada por tê-lo finalmente na sua companhia, o choque inicial a dar lugar a uma alegria súbita, que se instala, espontaneamente, trazendo-lhe as cores da vida ao rosto.

Aras olha Lux e puxa-o para os seus braços.

Sara examina-o. Sente-o intimamente, como uma parte de si própria deixada para trás e que agora regressa para deixá-la mais íntegra. Mas há também uma relutância em entregar-se ao seu fascínio, ao pressentir o orgulho frívolo que vive nele. A certeza de que ninguém ficara indiferente ao seu carisma, ao entrar na sala.

Mas no fundo dos seus olhos, esse elo antigo, a cumplicidade que os une desde o primeiro momento. Ambos caídos no subterrâneo, presos e perdidos, amparando-se na empatia mútua. Ele a sofrer a perda de Sírius, o seu único filho. Ela a tentar aceitar a morte de Sião, o pai de Lux. A sua luz e inspiração. Nessa dor partilhada nasceu uma ligação que os torna companheiros, a partir do âmago, a vulnerabilidade que se esconde na sombra.

Aras acerca-se de Sara, avançando para ela com uma urgência em abraçá-la.

“Estás bem?” pergunta, apoiando as suas mãos fortes nos ombros dela. O seu olhar penetra-a, transmitindo-lhe força e confiança. Sara poisa as mãos nas dele, apertando-as, emocionada, a sentir-se a desabar num longo suspiro de alívio, feliz e grata por vê-lo.

Ele senta-se, deixando descair o casaco de lã e cabedal, deixando a sua blusa branca de linho expor os contornos dos seus músculos delineados num tronco magro e escultural. E é então que repara nos olhos coloridos que brilham para ele. Agarra o casaco e fixa aquela imagem, que se revela, o seu brilho refulgido pelas luzes da sala e as velas que ardem num candelabro alto, pousado em cima da mesa. Os cabelos longos dela são um movimento de labaredas, em torno do rosto iluminado. As pálpebras fecham-se brevemente num pestanejar tímido e atrevido.

“Olá” diz ela, humedecendo os lábios cor de rosa.

“Olá” responde ele ainda hipnotizado. Volta o olhar para Sara, à espera de uma explicação, atordoadado.

“Apresento-te o mais recente presente do Aether. A fada misteriosa, que a todos encanta” diz Lux, e senta-se.

Aras abre os olhos encantados com a beleza irreal da rapariga alada.

“E o teu nome?” pergunta.

A rapariga baixa o olhar, tímida.

“Não me lembro.”

“Talvez Circe!” profere Sara já antevendo o jogo de sedução que ela inicia para com Aras. “Ou Pandora!”

“Se é um presente do Aether, é sem dúvida um Cavallo de Tróia!” declara Aras, incapaz de desviar os olhos dela.

Lux sorri e acena afirmativamente.

“Não estou aqui por vontade minha!” esclarece a rapariga. “Talvez seja melhor retirar-me!” Levanta-se, exibindo a beleza das suas asas.

Aras deixa escapar uma exclamação de espanto. Extático.

“Não te deixes influenciar, Aras. A sua beleza é venenosa!” avisa Sara.

“Sim, bem vejo” confirma ele. Baixa o olhar, recompondo-se. “És uma visão divina!”

8. O PÓ DE PAPOLLA

E a viagem prossegue. Os três avançam em fila indiana, a cavalo, penetrando a floresta densa, nos trilhos abertos pelos passeios pedestres. Sara vai à frente, mantendo-se a uma curta distância da fada, que a segue, taciturna, ainda amuada pela partida inadvertida de Lux, que a deixou com aqueles desconhecidos, faltando à sua promessa.

O carreiro torna-se mais largo e Aras faz o cavalo ultrapassar a fada, ficando lado a lado com Sara. Sorri-lhe. Montada no seu cavalo, a olhar as formas singulares das árvores, ela segue, absorta, a desenhar na sua mente os contornos que a luz esculpe nos seus troncos. As folhas restolham na ventania, na claridade da manhã, transmutando o momento em eternidade. Sob o efeito fascinante daqueles momentos de pura epifania, vira o rosto para ele, retribuindo-lhe o sorriso, com um ar sonhador nos olhos brilhantes.

Ele interioriza a cumplicidade que partilha com ela. Um elo indescritível, vindo da ligação que os sustenta. A intimidade de não haver territórios inexplorados na psique dos dois. Mesmo os mistérios que os envolvem, o da existência, o que foi antes ou o que virá depois, revela-se com uma aura de premonição conhecida. De tão ligados. Na vida e na morte.

E, no entanto, por vezes, abrir-se assim no rasgo de si mesmo, em toda a sua vulnerabilidade, fá-lo sentir-se débil, vencido. Um pesar profundo, do qual precisa de se distanciar.

Adora-a. Constata. Mas também ressentida a fragilidade dela, como se nenhuma alegria restasse para salvá-los do constante lamento.

Às vezes precisa de reinventar-se, dar nascimento a uma outra parte de si, inocente e feliz. Sem arrastar as memórias do passado.

“Talvez seja melhor seguir a galope durante uma hora, para encurtar um pouco o tempo da viagem. Podemos abrandar depois e procurar um lugar para descansarmos” propõe Aras.

“Preferia continuar a passo mais um pouco e aproveitar a tua companhia!” responde Sara, sorrindo.

Aras assente.

“Sim, temos muito para falar, mas haverá tempo para pormos a conversa em dia.” Vira-se para a fada, despertado por uma súbita vontade de estabelecer contacto com ela. “Que tal é a tua destreza a cavalo? Aguentas-te a galope?”

Como resposta, a fada incita a sua montada e ultrapassa-os, afastando-se a galope por entre a folhagem das árvores antigas.

Aras solta uma gargalhada jovial, cheia de adrenalina e dá por si tomado por um entusiasmo infantil que o faz seguir no seu encaço, desafiado pelo ímpeto da rapariga, o rasto de cor das suas asas abertas. Sara, surpreendida pela mudança inadvertida, incita o cavalo a correr mais velozmente, para não os perder de vista, mas as dores despertam e vê-se novamente atormentada, tremendamente desconfortável na sela. Não poderá acompanhar os companheiros, obrigada a abrandar pelos músculos doridos.

Lentamente vai deixando de vê-los, esquecida, embrenhada numa floresta silenciosa que agora é só sua. As emoções emergem, desafiantes e déspotas, plantando sementes de desconfiança e hostilidade em relação a Aras. A dor no corpo intensifica-se e a emocional junta-se ao desconforto que sente instalar-se no seu âmago. Um misto de perda, solidão e rejeição. Sente-se injetada por estes venenos que aos poucos lhes roubam a energia vital, deixando-a entregue a uma angústia predadora.

Duas ou três horas depois, muito mais tarde do que o previsto, começa a ouvir as gargalhadas sonoras da fada, e avista-a junto a um rio que corre largo e raso. Deitados na areia branca, Aras e a rapariga conversam divertidos. Os cavalos repousam na sombra, ocupados a comer a erva fresca.

Sara desmonta e no auge da sua indignação, inspira fundo, recusando-se a dar a perceber o tormento que a tomou de assalto.

9. O ANIMAL TOTÊMICO

Lux caminha na floresta. Solitário e vigilante.

Com a cidade para trás, este novo mundo absorve-o. Bem atento a tudo o que o rodeia. Sente o corpo a adaptar-se ao espaço. Os sentidos mais despertados. Deixa-se difundir no mistério que o envolve, recebendo as vibrações das árvores, a linguagem do mundo natural. O paradigma original.

Penetra.

Também ele selvagem.

Os instintos detetam o cheiro dos novos intrusos e os seus trilhos aberrantes. Criaturas criadas artificialmente que andam, desorientadas, à procura do seu lugar numa ordem antiga, à qual não pertencem.

Analisando os vestígios deixados, percebe que estão perto. Decide então camuflar-se e esperá-los. Sente que despe a pele que vestiu na cidade. A sua mente mais calada, atenta, o corpo desperto. Alerta, recuperando uma linguagem própria, primitiva, adaptado àquele *habitat*. Como um animal. Deixa a verdade subterrânea, intuitiva, jorrar para fora. No comando.

Brevemente avista-os, ainda longe, revistando as áreas vizinhas dos carreiros abertos. Reconhece-os. Parecem os híbridos criados como peões de um jogo de guerra recente que está a liderar o mercado digital. Conheceu alguns deles no Instituto de Pesquisa e Recuperação de Híbridos. Sabe que são criaturas bizarras e medíocres, praticamente acéfalas, que foram concebidas para atacar.

Porquê largados aqui, numa zona frequentada por humanos? Deveriam estar circunscritos à zona dos jogos, recolhidos quando inativos e vigiados pela inteligência artificial.

Estuda o espaço circundante, com acuidade. E avista. Zonas de esconderijo, camufladas pelos arbustos. Símbolos desconhecidos que demarcam áreas e dão instruções. Reconhece a sinalética. Entrou numa das zonas de jogo. Exposto à caça.

Inquire-se como chegou aqui sem encontrar qualquer restrição. Tem andado atento, observando todo o percurso. Não pode ter falhado o aviso desta zona demarcada.

Olha em volta.

Não entende. Conhece bem esta floresta. Faz parte da sua rota para a Terra Nova. Percebe que foi recentemente anexada à zona recreativa para jogos de guerra, sem avisos ou demarcações físicas que possam manter à distância os humanos pertencentes às tribos autónomas.

Caminha, camuflado, cuidadoso e consciente, para que não seja detetado.

Aproxima-se da árvore mais próxima com a nova sinalética inscrita e estuda-a. Estuda os *chips* e antenas incrustadas numa placa de metal. Olha para cima, para as câmaras que consegue avistar, dissimuladas no topo das árvores. Percebe agora que toda a informação fulcral está apenas acessível aos humanos com implantes instalados. Um novo parque para jogos de caça, cujo mapa invisível consta apenas no mundo virtual.

Porque ignoraram as tribos, desligadas da rede, que frequentam aquela floresta? Deveria haver um aviso acessível a toda a gente. Aquele recinto é uma zona de morte.

Está incrédulo. Esconde-se atento a cheiros ou sons que possam anunciar os intrusos. E observa com toda a atenção posta nos mais subtis pormenores. Repara em barras horizontais magnéticas, que vedam o recinto, frequências baixas que passam despercebidas aos transeuntes desconectados da rede digital. Entende agora que estes seres são deixados à solta aqui, talvez interditos de sair do recinto pela ativação de um alarme no *chip*. Será isso proteção suficiente? Lux ainda está pouco habituado a estas paredes invisíveis, armadilhadas com dispositivos eletrocutores de organismos programados para não as transpor. O Aether demonstra

um excesso de confiança na sua capacidade controladora. Como poderá ter a certeza de que estes seres não encontrarão maneiras de escapar do seu cárcere? Não poderá a consciência que têm do perigo desencadear o desenvolvimento cognitivo?

Lux observa um pequeno grupo que se junta, acorados numa espécie de assembleia. Que fazem? Parecem taciturnos, de cabeças baixas e encostadas como que dormitando. Serão eles demasiado estúpidos para sequer tomarem consciência da sua situação? Não é raro serem gravemente feridos durante um jogo, vítimas da impiedade humana. Será que têm capacidade de recordar eventos? Não sentirão alguma vez necessidade de se rebelarem contra esta opressão?

Precisa de sair dali. Não conhece as instruções de segurança. Corre perigo. A sua presença não será detetada, por estar desligado da rede virtual. É como se fosse um ser invisível, de uma outra dimensão, alheia à digitalização do planeta.

É inadmissível que a segurança dos elementos das aldeias autónomas seja comprometida desta maneira, é amplamente conhecido o carácter agressivo e retaliador destas criaturas. São predadores de seres humanos. Nada mais habita o seu espírito. Recorda-se de vê-los no instituto, isolados em celas, no seu silêncio intimidante, nas inúmeras vezes que se encarregou de alimentá-los. Tinha instruções para nunca se aproximar demasiado, correndo o risco de ver o seu braço a ser agarrado e comido de uma só dentada. Nunca se cansou de olhar estas criaturas nos olhos e de estudar a sua frieza impenetrável, uma sede de sangue, um incomensurável desprezo pelos humanos. Talvez pela constatação de terem sido determinados como alvos, conscientes da sua inocência, cientes da injustiça de que são alvos.

Durante o seu período no instituto nunca teve acesso ao estudo comportamental destes seres, mantido secreto pelos cientistas, nunca discutido livremente como assunto que se aborda na pausa do café.

E ali desemboca o mistério aberto, para ser desvendado pelos eventos futuros de quem se atravessar no seu caminho.

Afasta-se rapidamente dali. Aquela rota já não é segura. Desvia o seu trajeto, penetrando mais no interior da floresta. A zona virgem, reservada à vida selvagem. Caminha então no denso

arvoredo, abrindo um carreiro à sua passagem. Sabe como ser indistinto do que o rodeia, diluído nos elementos.

O tempo passa ao ritmo dos dias e das noites, a viagem tornada mais longa.

Sem imprevistos ou ameaças, avança confiante, auscultando o terreno. Aproveita as passagens abertas pelos cavalos selvagens e os veados para avançar mais depressa. Está ciente de que nenhum humano se aventurará naquele espaço intocável. Sente-se, por isso, revigorado, como um pioneiro que entra, pela primeira vez, num novo planeta.

Mas agora para.

À sua frente, um urso avança, devagar, na sua direção.

O rapaz baixa-se de imediato, demonstrando submissão.

Observa-o. Não o quer perturbar.

Afasta-se, deixando a intenção de que não deseja confrontá-lo. Continua, olhando para trás, de quando em quando, para confirmar que não é seguido. Tira a bússola do bolso e confirma a direção, detetando os animais curiosos que o observam, escondidos. E outra vez a sensação de que a mesma presença o segue, intencionalmente ali, para ele.

Vira-se para trás e o urso para, olhando-o. Percebe que está no seu encaixo.

Retoma o seu caminho, agora a pensar se será sensato continuar tão ao alcance do predador. Não deixa que o medo tome posse e dá ouvidos à voz interior que se eleva. A sua intuição diz-lhe que aquele animal é um totem que pretende comunicar consigo. Ignorando a subtilidade do que se revela a outro nível mais profundo, acelera o passo e tenta afastar-se.

Ainda é cedo para atender a frequência que se levanta.

Recolhe frutos silvestres, cogumelos e ervas comestíveis, sem nunca perder de vista o urso que o segue, à distância.

Em breve, a jornada aproxima-o do murmúrio de um regato. O lugar ideal para construir o seu abrigo noturno.

Aquela presença intriga-o. A voz que o habita diz-lhe que o deixe aproximar-se. Mas Lux é prudente. Decide estudá-lo primeiro.

Sente-se tentado a passar a noite em vigília, sem dormir, e olha de soslaio para o animal, que espera, camuflado. Sem pressa, atentando nos seus gestos, faz uma fogueira e prepara a ceia e, mais

tarde, fecha os olhos para meditar, mas sempre com a mente desperta aos mais subtis sinais. Sente que o urso se afasta, deixando-o, finalmente, e só então constata o quanto a sua ausência imprime em si um sentimento de abandono. Sente-o, na sua intimidade, como o seu totem de proteção.

Abre os olhos.

Mas como ter a certeza de que não se está a deixar levar pela alucinação?

Levanta-se e chama o urso, improvisando uma canção indígena, que celebra a sua força anímica e o convida a aproximar-se.

No dia seguinte, continua a sua caminhada, sentindo as pequenas criaturas que o estudam.

Olha em frente.

Parado entre os fetos altos, avista mais uma vez o animal. Possante. À espera.

Para.

Partilham um olhar tranquilo. Por uns minutos, frente a frente.

O urso avança um passo, talvez dois. Uma familiaridade entre ambos fá-los ficar parados a olharem-se.

Mas num ápice o animal move-se, esgueirando-se para a floresta densa. Sem hesitar, Lux segue-o, sem saber para onde o seu protetor o quer levar. Este continua a avançar devagarinho, de vez em quando virando-se para trás, para certificar-se de que o rapaz o acompanha.

Um pensamento alerta Lux. Deixou de prestar atenção à direção que toma e dá por si perdido, sem saber como voltar ao trilho. O medo espreita. Mas continua, determinado, enfrentando o receio.

Algum tempo mais tarde, que lhe pareceu uma eternidade, avista uma cabana, perto da qual o urso para, dando-lhe uma última mirada, antes de desaparecer num declive do terreno.

Lux avança para o abrigo e, espreitando, bate à janela, curioso com o que pode estar do lado de lá da porta, que se abre com lentidão.

Um homem idoso deita a cabeça de fora, piscando os olhos pequenos. Caminha para a rua, no intuito de estudar o adolescente.

Lux sente o coração a bater apressado. Olha para trás à procura do seu animal de poder, tentado a ir embora.

“Um urso trouxe-me aqui!” diz, numa reação espontânea.

O homem solta uma gargalhada.

“Essa é boa! Se te pões a seguir todos os animais que encontras na mata, nunca mais chegas a casa!” O riso sacode-lhe o corpo. “Entra!” Dirige-se a uma poltrona de pele, muito usada, virada para a lareira.

Lux entra, hesitante, admirando a única divisão da cabana.

“Senta-te, rapaz! Tens fome?” O homem pouso o cachimbo e enche uma taça de sopa, que tira de uma panela aquecida no fogo.

“Vive aqui sozinho?” interroga Lux, admirando o interior aconchegante.

O homem passa-lhe a sopa fumegante.

“Perdi a noção desse conceito. Solidão. Há muito tempo que vivo com tudo o que me rodeia. Uma imensidão de seres, uns visíveis, outros... espertos, aparições!”

Lux sorri, consolidado com a visão do ancião.

“Esta sopa é deliciosa!” exclama, depois de levar a primeira colherada à boca.

O homem ri.

“Então? De que andas tu à procura?”

O rapaz olha-o sem compreender.

“Vês sinais nas coisas mundanas como se andasses à procura de um milagre” esclarece o velho.

“Não vejo diferença entre uma coisa e a outra!” observa Lux, enquanto devora a refeição.

O homem olha-o. Agora sério.

“Se vês as coisas dessa maneira, és um alquimista!”

O rapaz acaba o caldo e limpa a boca com as costas da mão.

“Onde moras?” torna o homem.

“Na Terra Nova.”

“Sei...” O homem baixa os olhos, silencioso.

Lux sente uma mudança no ambiente que o circunda. A qualidade do silêncio, tornado solene. Um outro tempo, que se dilata. Sugando-o, numa transmutação.

“Segues ursos a julgar que são mensageiros de outros mundos e dás por ti aqui, na cabana de um velho solitário. Deves estar dececionado!”

“Venho a caminhar há 5 dias, a comer comida selvagem. Desviar a rota por uma bela sopa quente valeu mais que a pena!”

10. O PREÇO DA DESOBEDIÊNCIA

A noite cai devagar e os cavalos dão sinal de cansaço. Precisam de procurar um lugar para pernoitar, abrigado entre os arbustos densos, a salvo do orvalho da noite e de predadores selvagens. Mais alguns metros e avistam um lugar adequado onde deixar os cavalos pastar e beber água num regato que corre perto. As estrelas acendem-se uma a uma até apenas uma tira de luz laranja percorrer o horizonte, que se dilui lentamente na negridão das silhuetas que povoam a noite.

Perto, um mocho pia.

Em breve o fogo crepita, fervendo a sopa que Sara preparou com plantas comestíveis, encontradas ao longo do caminho.

Sara e Aras estão silenciosos, fechados dentro de si próprios, consternados e confusos por todas as emoções que vão presenciando dentro de si mesmos, surpreendentes e estranhas. Lentamente têm vindo a abandonar as suas *personas* anteriores, arrebatados por necessidades prementes, nunca antes sentidas, gravitando, sem eixo, em torno desse sol enganador que encadeia o seu discernimento. Decerto que havia expectativas desta viagem que não se viram cumpridas, desfrutarem da companhia um do outro, encontrando-se, deveras.

A fada é a única que fala, como uma criança tagarela, cheia de um entusiasmo pueril que não faz sorrir nenhum dos seus companheiros, à procura de reprimir a saudade que sentem um do outro, da partilha de pensamentos e emoções que, em tempos remotos, os aliviava do fardo de ter de carregá-los sozinhos. Sara

mexe a sopa, atenta ao seu corpo contraído, carente da partilha com Aras e agora deste novo vício, o magnetismo da fada que atenua as dores. Aras está de sobrolho carregado, a pensar na sua conduta negligente durante a viagem, dececionado por não conseguir contrariar os seus impulsos primários de total entrega ao feitiço da fada. Tem vindo a estudar uma maneira de escapar ao encanto desta jovem, de conseguir manter-se além da sua manipulação psíquica, tentado às vezes a empurrá-la do cavalo, nas inúmeras falésias por que têm passado.

Ouve a rapariga a falar, sem absorver nenhuma da retórica, acenando com a cabeça mecanicamente com um sorriso postiço, alerta ao mínimo sinal que a faça entender os seus pensamentos secretos, por enquanto a salvo do seu domínio, aparentando estar entregue ao seu fascínio. Percebe que se assim o fizer, ela baixa a frequência magnética que os aprisiona, por se pensar o centro das atenções.

Sara enche uma taça de plantas variadas, absorvida na sua tarefa, enfeitando-a de flores e frutos silvestres, recolhidos durante a viagem e, quando finalmente parece satisfeita com o seu trabalho, estende-a à fada com um sorriso.

“Espero que gostes!” Sente uma vontade inequívoca de agradecer a fada, sedenta do seu efeito calmante sobre as dores que a atormentam.

A fada recolhe-a com um sorriso grato.

“Tem umas cores maravilhosas!” elogia.

Sara começa a mexer a sopa que borbulha no fogo, com um olhar esquivo para a jovem, regozijada por ver o apetite com que devora a salada. É verdade que está rendida ao seu encanto, mas ainda não calou a voz que sussurra a necessidade de ficar a sós com Aras, por um momento, para desfrutarem da presença um do outro.

Estende-lhe uma taça de sopa, num olhar penetrante, pleno de significado. Ele toca nas suas mãos quando a recebe, demorando-se a afastá-las. Prende o seu olhar no dela, revelador. Olha a rapariga e depois Sara, a sentir o seu discernimento a voltar, liberto da sedução intimidante da fada.

Sara esboça um sorriso débil e baixa os olhos, retirando a mão quente das dele. Ficam calados a ouvir as vozes da noite. O lobo ao longe uiva à lua, e o mocho pousado, algures, não muito longe,

responde ao ulular de um outro, que comunica na distância. Sara espreita para a saqueta que contém o seu remédio.

“Já não me resta muito remédio” informa ela. “Teremos de apressar-nos a chegar à aldeia.”

“Podes sempre contar comigo para te aliviar as dores” lembra a fada com um sorriso meloso.

Sara põe-lhe a mão no braço.

“Bem sei. Estou-te muito grata!”

Sara põe uma colher de sopa na boca, olhando Aras com ar comprometedor. Este desvia o olhar para a jovem, começando a desconfiar que nenhum deles está a ser totalmente honesto e que vontades ocultas conspiram contra a aparente harmonia.

Comem em silêncio.

Em breve a fada começa a bocejar.

“Sinto o meu corpo tão pesado...” profere com dificuldade, rendendo-se ao efeito soporífero das ervas de Sara. Olha ambos, antes de deixar-se afundar no sono que a faz cair no chão, tomada por uma anestesia comatosa.

“Que lhe fizeste? Envenenaste-a?” Aras levanta-se, assustado.

Sara puxa-o.

“Irá dormir a noite toda. Finalmente podemos estar sozinhos!”

“Ela vai ficar furiosa quando acordar! Podes ter arranjado um problema!” Parece hesitante, a olhar a fada adormecida.

Sara puxa-o pela mão, com um sorriso convidativo, e logo o distrai da sua incerteza.

A floresta vibra com as suas gargalhadas espirituosas, numa genuína alegria. Sentem a leveza da liberdade e abraçam-se, lentamente recuperando a autenticidade das suas emoções, libertos da coação mental a que têm estado sujeitos.

Correm no carreiro estreito, embrenhando-se na floresta, em direção ao descampado que a lua banha de claridade fria.

Abraçam-se, aliviados, a sentirem os corpos a descontraírem, recuperando a alegria da liberdade.

“Não somos suficientemente fortes para resistir à manipulação do Aether!” exclama Aras.

“Verdade!” concorda Sara.

“A comunidade também ficará sob o seu encanto. Imagino as consequências!”

Sara estreita o abraço, ficando quieta a senti-lo.

“Não digas mais nada. Vamos apenas ficar a aproveitar este momento. Temos pouco tempo.”

“Tive saudades tuas” confessa Aras ao olhá-la, de olhos iluminados. “Saudades da tua presença, das nossas conversas! Estar contigo é como regressar a casa!”

“Também eu!” Sara abraça-o. “Estar contigo é como olhar-me num espelho, onde me vejo completamente!” Sorri. “Quando estamos separados, sinto-me longe de mim mesma!” Para o olhar no dele. “Podemos arranjar maneira de drogá-la e termos as noites para nós. Há muitas ervas na floresta que poderei usar para adormecê-la.”

A lua fria e clara faz Aras sentir-se selvagem, uno com os lobos que uivam na imensidão da paisagem aberta à sua frente. Sente-se expandir nos contornos das montanhas e contempla o vale profundo, em baixo, numa vontade de se tornar falcão e abrir as asas num voo pela plenitude.

Sara liberta-se dele e senta-se num penedo, sentindo o corpo a pedir o conforto de Aras de volta, os seus braços imaginários a esticarem-se para ele, tocando-o com fome, entrelaçando-se em seu redor como uma planta trepadeira.

Aras inspira fundo e senta-se a seu lado, apreciando o efeito calmante que os seus corpos geram quando se tocam.

Há um silêncio introdutório que se instala que o faz constatar ser a altura certa para confessar-lhe os seus planos.

“Chegou a hora de me encontrar com Gora!” Ele expira depois de pronunciar o nome da guerreira.

Sara volta o rosto para o companheiro.

A sua temporada na cidade fê-la esquecer a sombra de Gora, permanentemente assolando os habitantes da Terra Nova.

“Recebeste notícias dela? Intimidou a aldeia?”

Ele foca-se nas montanhas aveludadas que descem num jogo de sombras e luz esquálidas.

“Há alguns rumores que ela anda a espiar a aldeia. Sou o responsável pela sua ira. Terei de apaziguá-la.”

Ela sente-se estremecer.

“É um cerco. O Aether de um lado, a Gora do outro. Não poderemos sobreviver a tantas ameaças!” Sente um frio congelante

a tomar conta da sua mente. Os pensamentos negativos soltam-se como cães danados, e as dores voltam, a sensação de pânico.

Aras aperta-a num abraço, acalmando-a.

“Tenho sido um covarde. Devo-lhe um pedido de desculpa. Terei de ir até ela. Mas primeiro tenho de preparar-me. Se vou antes de aprender a dominar as emoções, posso acabar por matá-la.”

Sara acaricia o seu rosto.

“Ou ser morto!” Contempla-o. O medo que se revela e esconde nos olhos. “Ela ainda te odeia por lhe teres tirado Sírius!”

“Sim. Morreu nas minhas mãos. Tirei-o da sua guarda para protegê-lo, mas não consegui tomar conta dele.”

“Foi um acidente. Não o podias ter deixado com ela. O modo como as Amazonas tratam os meninos da sua aldeia é desumana.”

“Deixei-a acumular ressentimento. E nunca a enfrentei antes. Não posso continuar a expor a aldeia.” Expira. “Está na hora!”

Sara deixa o momento absorver as palavras dele, acolhendo-as.

“Precisas de estar preparado antes de enfrentá-la!” Sara vira o rosto de Aras para si e encontra a sua vulnerabilidade. Encara-o, transmitindo-lhe alento. “Não podes guardar qualquer ressentimento!”

Aras solta uma gargalhada seca e cortante.

“Há anos que treino, Sara! Continuo cego como sempre! Prisioneiro das emoções primárias!” Puxa Sara para si. “Eu bem tento, mas não é fácil!”

“Não há mentes indomáveis! Apenas precisas de dedicar tempo à prática!”

Sara começa a sentir a fadiga a apoderar-se do seu corpo. As dores a rondarem como hienas famintas.

Aras espraia o olhar pelo vale, iluminado pela luz branca da lua.

“Aproximam-se tempos tumultuosos. E eu não estou preparado” diz, num monólogo.

Sara suspira. Olha-o com empatia, apertando-lhe a mão. Ele retribui o olhar, toldando a afeição presente com um pesar profundo.

“O nosso ódio é muito forte, nenhum dos dois sobreviverá se eu não conseguir encontrar em mim algum amor por ela.”

“Não podes ir já!” Sara alarma-se. “Matar-te-á!”

“O mestre disse-me que deverei ir para retiro e depois, quando ele achar que estou preparado, partirei para a aldeia das amazonas. Está decidido! Está para breve!” Aras vira-se para a companheira e fica de expressão parada a olhá-la, como se a parar o tempo naquele momento, sentindo-o profundamente, num eterno agora. “O devir está em movimento! Acabou-se a pausa, o tempo da inocência!”

Sara abraça-o. Ele recolhe-se no seu abrigo.

“Há outra coisa que te quero dizer!” Volta o olhar para ela. Hesitante.

As palavras estão na boca, mas constata o quanto é difícil verbalizá-las.

“O que é?” interroga Sara, pressentindo que uma névoa de suspeita se imiscui entre ambos.

Ele engole o que não pode revelar. A voz morre, incapaz de quebrar a comunhão que sente com ela.

“Não agora!” profere, acariciando os cabelos dela. “Digo-te mais tarde!”

Ela desvia-se dele, energeticamente, levada por pensamentos obscuros que surgem das profundezas para conspirar a mente.

Ficam em silêncio, cada um recolhido na sua intimidade individual, afastados.

“Não é curioso como a lua permanece serena? Incólume a todos os males humanos?” Sara sorri, procurando o amigo num olhar reconciliador.

A fada acordou com o estridente assobio dos pássaros ao alvorecer. Levantou-se trôpega, levando a mão à cabeça. Caminhou até ao riacho e lavou a cara, pouco a pouco recuperando o discernimento. Deu por si a matutar sobre a noite passada, na mudança repentina e inesperada do seu estado mental. Que espécie de sono fora aquele que a assaltou tão inoportunamente? Do seu *chip* recebe informação sobre as toxinas detetadas no seu sistema, obtendo uma imagem das ervas que lhes foram indevidamente administradas. Ficou atenta à análise fornecida pelo implante, contente por saber que continuava operacional. Deu por si a desviar a atenção, ainda que momentânea, para a possibilidade de retomar o contacto total com o Aether e poder regressar a casa. A reação do seu corpo a este plano não

para de surpreendê-la. Não quer imaginar que outros desafios possam ainda estar à sua frente. Precisa de voltar a uma frequência mais subtil. O seu espírito enche-se de saudade, ansiedade, perscrutando no implante novamente à procura de alguma maneira de comunicar com os seus senhores. Um sinal forte atoa na sua cabeça, lembrando-lhe da severidade da situação presente. Um alerta a vermelho pulsa intermitente na sua mente, obrigando-a a ver, interiormente, a informação de tentativa de envenenamento. A imagem de Sara irrompe no seu pensamento, precisa como uma fotografia, com uma legenda sobreposta, um carimbo a vermelho que a pronuncia culpada, sinal que deixa a jovem assustada. A adrenalina a subir para níveis alarmantes, fazendo aumentar os sonidos na sua cabeça, bem como as imagens digitais de alerta. Fecha os olhos, confusa, rodopiando desorientada, a olhar para cima, à espera que algum dos satélites a detete no seu pedido de ajuda. Há uma enxurrada de emoções que irrompe, não percebe bem de onde, e a faz prostrar-se, caindo de joelhos no chão a suplicar que a levem dali para fora. Ergue os braços num pedido de socorro, alarmada.

“Estou em perigo, levem-me para casa!” Chora, assustada, pouco a pouco desistindo de implorar por socorro, consciente de que a sua súplica não será atendida. As instruções são claras e surgem, uma a uma, em forma de pensamento esquizofrénico. A voz apaziguadora dá-lhe instruções precisas, inebriando-a com promessas vãs de um regresso a casa.

Pensava que estava em segurança na companhia de Sara, mas estava enganada. Está entre inimigos. Que fazer? Fugir dali sozinha e tentar voltar à cidade? Ou voltar ao acampamento e continuar a viagem para lugar incerto, entregue a estes seres selvagens?

As instruções que recebe no *chip* são precisas. É urgente seguir viagem como programado. Por isso regressa, amuada, incapaz de transgredir as diretrizes dos seus senhores.

Encontra Sara e Aras que preparam os cavalos para partirem.

“Por onde tens andado? Fomos à tua procura!” alterca Sara, percebendo o ar zangado da fada.

“Tenho estado no rio” diz secamente, arrumando os seus pertences.

“Não te vimos lá. Chamamos-te! Não ouviste?” continua a outra.

“Chamaram-me como, se não sabem o meu nome?” A rapariga fecha-se num silêncio sentido, continuando a sua tarefa.

“Fada! Fada!” Sara põe a mão na boca e ergue a voz na floresta, recreando o episódio.

“Deixámos alguma comida para ti” informa Aras, apontando para alguma fruta e frutos secos dispostos no chão sobre um leque de fetos cortados.

“Não voltarei a comer nada que venha de vocês.” Desta vez a rapariga ergue a voz, ameaçadora, o corpo a tornar-se hirto, o rosto rubro de raiva.

Sara e Aras trocam olhares.

“Queres contar-nos o que se passa?” Aras dá um passo em frente.

“Afasta-te.” Ela recua. “Eu sei que estão a tentar matar-me.” Estende o braço acusador, os olhos iluminados pela cólera.

Sara sente uma dor aguda a despertar, que percorre a coluna vertebral como um raio. Leva a mão à cabeça ao senti-la a estalar. Aras percebe que a situação é grave. Estão ambos em perigo, expostos ao poder destrutivo da fada.

“Acho que tiveste um pesadelo!” Ele tenta apaziguá-la.

A fada avança impetuosamente para Sara, dando um encontrão ao homem, posicionado entre as duas.

“Foste tu!” Aponta-lhe o dedo acusador.

Sara cai de joelhos, a sentir a cabeça a estilhaçar-se.

“Devia torturar-te lentamente até confessares a verdade. Não é assim que vocês fazem?” Aproxima-se mais dela.

Aras agarra na fada, tentando atrair as atenções para si.

“Para com isso. Nós estamos do teu lado.” Puxa-a pelo braço, mas ela repele-o, num puxão forte e determinado. E foca-se novamente na inimiga.

“Não tenho a vossa barbárie. Sou incapaz de ser violenta!”

Olha a outra que continua agarrada à cabeça, exalando lamentos.

Aras puxa a rapariga para si e abraça-a.

“Calma!” diz ele. “Nós amamos-te! Não queremos o teu mal!”

A rapariga empurra-o. Ele torna a abraçá-la até finalmente ela deixar-se ficar, retribuindo o abraço, reconfortada pelo afeto dele que envolve o seu corpo alto e esguio. Aras mantém-se sussurrando palavras de lisonjeio, pois sabe que também ela está carente de um

amor que lhe acalme o pânico de se ver entre inimigos, num mundo hostil e desconhecido.

Funciona. A tortura acaba. Sara deixa-se ficar deitada a sentir o alívio, quieta, ainda a chorar mas livre do sofrimento agonizante. Ergue-se devagar. O cabelo molhado pelas lágrimas, a cara vermelha e congestionada. Vira-se para ambos e vê-os nesta partilha, os dois abraçados, Aras a acariciar a outra, a beijá-la no rosto, nos cabelos, proferindo palavras de mel.

A mulher limpa o vestido, cambaleante, vulnerável. E volta-lhes as costas, afastando-se um pouco.

Aras desprende-se da fada, lentamente, ainda com medo que o ataque recomece, e segue Sara, hesitante.

“Estás bem?” pergunta com a voz quebrada.

Ela acena afirmativamente com a cabeça, ainda combalida, a limpar as lágrimas que escorrem em silêncio, pela cara. Ele quer sentar-se a seu lado e abraçá-la, mas em vez disso olha a fada, sozinha, e decide voltar para junto dela, sentando-se, encolhido, a seu lado, a oferecer-lhe um sorriso débil.

A viagem continua, silenciosa e grave, uma atenção desconfortável instalada entre eles, um medo inquietante que denota a vulnerabilidade dos dois humanos perante o poder da fada.

Assim avançam.

Mais outra noite chega e um lugar é encontrado para pernoitar, repetindo a rotina de aliviar os cavalos e deixá-los a pastar. O acampamento é preparado, sem conversas amenas ou sorrisos descontraídos. Todos se sentem prisioneiros, retidos no medo e suspeita.

A fada afasta-se para ir procurar comida.

Sara e Aras ficam a sós, aquecidos pela fogueira, o olhar distante ainda atento ao momento da madrugada anterior. A lenha estala e o fogo sobe em espiral, hipnotizante.

“E se meditássemos?” propõe Sara.

“Sim!” Aras prepara o cobertor que lhe serve de assento e acomoda-se na sua posição sentada. Fecham os olhos e ficam suspensos, em silêncio, praticando a atenção plena e a quietude da mente. Pura presença.

Algum tempo depois a fada regressa com algumas plantas e cogumelos e encontra-os ainda parados, como estátuas, de olhos

fechados, mas despertos, não reagindo à sua chegada, mas conscientes dos seus movimentos. Deverá tentar distraí-los? Gritar por socorro e interromper o que quer que seja que estão a fazer?

Os dois continuam embrenhados no silêncio e a quietude da mente diz-lhes que está tudo bem, não há que obedecer a medos infecundos que os aconselham a abandonar a meditação e dar atenção à rapariga alada, por isso prosseguem na comunhão, a mente expandindo em todas as direções, atenta aos sons mais indistintos, até ambos abrirem os olhos em simultâneo, um tom de alarme no rosto em todos os sentidos. Aras vira a cabeça na direção dos sons que vislumbra na distância. Algo dissonante, que se aproxima. Olha a fada, brevemente, e faz-lhe sinal para que permaneça calada, sensível à perturbação da vibração natural da floresta.

Espreita, felino, a distância.

Sara também percebe a perturbação na ordem natural na floresta e apaga o lume, atirando terra para as brasas. Os cavalos, filhos da natureza, pressentem as presenças hostis e recuam para a sombra.

Aras foca a distância. O perigo ainda invisível. Longe. As suas vibrações ressoando, cada vez mais próximas. Começa a recuar com lentidão, de cócoras, e faz sinal às companheiras que o acompanhem, tornando-se ocultos, atrás dos arbustos.

A fada olha a distância, mas não consegue descortinar a penumbra que se adensa em torno da folhagem, perscrutando no *chip* inerte, à procura de algum alerta de ameaça.

É então que Sara vê o movimento, ao longe, as figuras disformes, camufladas pela densa verdura. Sustém a respiração, por instantes, estupefacta, encolhendo-se. As figuras bizarras tornam-se agora um pouco mais visíveis. Híbridos bestiais, varrendo a floresta, em busca de presas, avançam em fila, como soldados patrulhando uma zona de guerra.

Aras e Sara trocam olhares.

Cada vez mais perto, as bestas avançam com o nariz no ar, farejando, talvez, o fumo da fogueira apagada.

O coração de Sara dispara, à beira do pânico de não conseguir escapar à astúcia predadora destes seres. Aras sossega-a, repousando a mão na dela.

11. O ACAMPAMENTO

Lux avança, cada vez mais perto de casa, mas ainda a semanas de distância. Avança uno com os sons da natureza, selvagem e sincronizado com os ritmos. Desde que deixou a cidade depressa se adaptou ao mundo natural, como um animal que se movimenta com os instintos apurados.

Outra vez começa a sentir um odor intruso, que não pertence à fauna autóctone, e os seus músculos ficam hirtos, a audição mais aguda a detetar alguns sons estrangeiros, ou movimentos periféricos que possam denunciar presenças inoportunas. Avança, como um predador, alerta, silencioso e invisível na folhagem. Começa a encontrar indícios de presenças descuidadas que abrem caminho ao passar. Grupos em fila, de porte pesado, possantes. Rapidamente encontra os rastros sob as ervas pisadas pelo que segue no seu encaço. O seu pensamento garante-lhe que os híbridos também se aventuraram para além da zona de guerra, imiscuindo-se mais e mais no coração da floresta e, ainda que não o queira consciencializar, percebe o seu cheiro nauseabundo pairando no ar, a sua presença marcada em cada elemento natural que parece maculado pelo seu rasto. Que dizer dos animais que estão expostos a estes predadores alienados daquele ecossistema? Como poderão sobreviver aos seus apetites vorazes? Mas mais inquietante ainda, como lhes foi permitido invadirem a zona livre da floresta e proliferarem livremente?

Logo percebe que há um aldeamento perto. Consegue ver as diferentes vibrações no ar, resultantes da perturbação subtil da harmonia natural da floresta. Avança devagar e sem

ruído, com cuidado para não fazer estremecer nem o mais frágil caule de erva. Escondido na vegetação e camuflado pelo seu poder de invisibilidade no espaço natural, observa o pequeno acampamento, aguçando a visão. Uma fogueira no centro, ardendo exposta, denunciadora das presenças. Algumas cabanas toscas, improvisadas e muito rudimentares, num amontoado de fetos e folhas que não poderão resistir a uma ventania de fim de verão. Consegue ver cerca de 10 criaturas, umas circulando dentro e fora das habitações, outras sentadas num dormitar displicente, agarrados a paus com a ponta pontiaguda. Parece que estão de vigia, mas pouco disciplinados na patrulha, deixam-se render à sonolência preguiçosa que toma conta deles. Lux muda de posição para poder abarcar o ângulo cego à sua direita. Atenta o foco do olhar e o que percebe fá-lo abrir a boca de espanto. O coração dispara sem aviso ao vislumbrar uma presença humana, jovem, masculina, sentada junto a uma árvore, amarrada. O rosto está marcado pelo terror de se ver ali, naquela situação, cativo daquelas criaturas horrendas. Tem um uniforme vestido que não deixa dúvidas. O jovem é um jogador. O logótipo da corporação tutelada pelo Aether, criadora dos jogos, está em destaque na manga, e, apesar da distância, Lux consegue reconhecê-lo. Será possível que tenha sido capturado pelos híbridos? Lux não consegue encontrar uma explicação para o que presencia. O que quererá aquilo dizer? Porque é que o Aether não põe fim a esta situação bizarra?

Uma criatura bestialmente grande sai de uma cabana e aproxima-se do rapaz fazendo com que este se mexa assustado, a tentar libertar-se das cordas grossas que o imobilizam, libertando urros ensurdecidos pela mordança que lhe tapa a boca.

O jovem contorce-se, o rosto transfigurado pelo medo. A criatura baixa-se e cheira-o, antes de se virar para o guarda letárgico que está sentado a vigiar o rapaz, de cabeça pendente numa sesta semiconsciente e que acorda com um ronco agudo pelo tabefe que leva do matulão.

Nesse momento, um som de algo em deslocamento a alta velocidade soa por cima da cabeça de Lux, que ergue o olhar, avistando uma frota de drones minúsculos a avançar rapidamente para o acampamento. Num instante vê-os a disparar estrategicamente dardos que imobilizam cada um dos mostrengos, que caem

inertes no chão. O miúdo tenta mexer-se, emitindo urros surdos, num sofrimento notório, na tentativa de escapar dali. Alguns drones procuram os últimos sobreviventes, entrando nas cabanas e patrulhando o recinto em volta, antes de desaparecerem entre a folhagem tão instantaneamente como apareceram.

Lux espera mais um pouco, até se certificar de que não há perigo e só depois se torna visível, correndo para o rapaz frenético, com ânsia de ser solto. Lux liberta-o das cordas e da mordaca e, logo que se vê solto, desata a correr desorientado. Lux persegue-o e puxa-o para a direção certa, ambos precipitando-se numa correria desenfreada para longe daquele acampamento bizarro, longe do cheiro pestilento que parece perdurar infinitamente, como se entranhado nas narinas.

Abrem caminho por entre a vegetação densa, correndo, e durante cerca de uma hora persistem neste *endurance*, certificando-se de que se afastam tanto quanto possível daquele acampamento.

Algum tempo depois, o rapaz para, estafado, deixando-se cair no chão atapetado por folhas e musgo. Lux imita-o, calculando a distância percorrida desde que abandonaram o grupo de híbridos adormecidos. Recuperando o fôlego, senta-se ao lado do rapaz que o olha, ansioso por lhe fazer perguntas, mas demasiado cansado para poder falar, apenas fica a arfar com dificuldade.

“Que tal correremos mais alguns minutos, há um rio nas proximidades onde poderemos beber água e refrescar-nos” informa Lux.

“Preciso de descansar um pouco” responde o outro.

“O que aconteceu? Como acabaste naquela situação?” interroga Lux.

“Fizeram-me uma emboscada, certamente.” O outro recupera o fôlego. “O jogo já tinha terminado e eu estava a caminhar para o carro quando fui atacado. Puseram-me a dormir. Acordei naquela comunidade, amarrado à árvore.”

“Estavas sozinho?”

“Sim, gosto de esperar que toda a gente se vá embora e de ficar em silêncio a ouvir os sons da natureza. Nunca houve perigo antes.”

“Como é que são deixados à solta na floresta? Que eu saiba estes híbridos são recolhidos depois dos jogos e confinados.”

O outro olha-o. Encolhe os ombros.

“Foi a primeira vez que algo assim aconteceu?” insiste Lux.

“Que eu saiba, sim.”

“Vais processar o Aether?” pergunta Lux.

O outro olha-o.

“Processar o Aether? Que ideia! O Aether é o nosso protetor! Vou simplesmente deixar de jogar. Por pouco não tinha virado guisado de troll!” O rapaz levanta-se e continua a jornada, caminhando apressadamente. O outro segue-o.

“Foi a primeira vez que jogaste?”

“Oh não! Eu e a minha família somos aficionados. Temos abatido centenas destes bichos fedorentos. Eles têm-nos um ódio de morte.”

“Então é por isso? Represálias? Pensei que estes seres fossem demasiado simples para terem emoções” retorque Lux.

“Estou a ouvir o rio” diz o rapaz, correndo na encosta.

Lux segue-o até ao rio no pequeno vale ladeado de salgueiros e choupos.

Os dois trepam uns rochedos lisos, despindo-se antes de mergulharem na poça límpida e funda rodeada de fetos tenros que nascem de dentro das rochas esburacadas.

“Vocês não os matam nos jogos, matam? Achei que tal não era permitido!” torna Lux, depois de emergir de debaixo da água.

“Não é suposto matá-los, mas às vezes acontece. E quando não morrem, ficam bastante feridos. É um jogo de morte. Eu pessoalmente gosto de maltratar os malvados. Viste como são feios?”

Lux olha o rapaz com desdém.

“É cruel causar dor em seres inocentes. Principalmente agora que se sabe que são capazes de sentir emoções.”

O outro olha-o.

“Foi para isso que foram criados. O jogo é um tédio se não houver adrenalina.”

“Então não te queixes!” Lux sai da água e veste-se. “Vou continuar o meu caminho. Sabes para onde vais?”

O rapaz sai da água.

“O *chip* informou-me que tu irás escoltar-me até ao albergue mais próximo. Estará lá alguém à minha espera para me levar para a cidade.”

Lux olha-o atónito.

“Tens a certeza de que tens essa informação? Porque esse albergue fica fora da minha rota e decididamente não vou desviar-me do meu caminho para te levar até lá. Não sou laçai do Aether.”

Lux calça os mocassins.

“Serias capaz de deixar-me aqui sozinho?” O rapaz põe as mãos na cintura.

“Tenho a certeza de que enviarão outra legião de drones para te guiar até lá. A minha missão está cumprida.” Levanta-se. “Tem cuidado contigo. Adeus.” Salta para a areia fresca, atento ao som fresco da água do rio a serpentear por entre as pedras polidas.

“Espera. De certeza que serás recompensado por me teres ajudado. Podem até levar-te até à aldeia como agradecimento. Caso recuses, não sei, talvez tenhas encontros indesejáveis pelo caminho. Sabes que a floresta já não é como antes!”

Lux olha o rapaz.

“Isso soa como uma ameaça!” exclama.

O outro fica em silêncio, olhando-o com um sorriso frio.

“Estou reconhecido por me teres ajudado ainda há pouco. Foram duas horas agonizantes à mercê daqueles selvagens. Posso tentar encontrar o albergue sozinho, não quero que percas tempo por minha causa.”

“Mas...?” replica Lux.

“Mas nada. Pedirei instruções para encontrar o caminho até lá.”

Lux olha em volta. Sabe que deixar ali o rapaz é imprudente. Talvez ele se perca e acabe novamente nas garras dos híbridos vingativos. Mas desviar o seu caminho 20 horas irá trazer-lhe um atraso de um ou dois dias na chegada à aldeia. Ele não quer perder o rito de passagem do seu amigo Rodko, que completa 16 anos brevemente e irá na sua viagem iniciática para a floresta com Jokarta, o xamã da aldeia. Hesita em virar as costas ao rapaz e baixa o olhar para a areia, fazendo desenhos com o pé, pensativo.

“Bom. É mais seguro se te levar.” Começa a caminhar, seguindo a corrente. “Não percamos mais tempo.”

O outro segue-o aos pulinhos.

“Grato. Não te arrependers do favor que me estás a fazer!” Alcança-o. “Onde vives?”

“Vivo na Terra Nova.”

ÍNDICE

1. A VOZ INAÚDÍVEL.....	7
2. O PRESENTE DO AETHER.....	13
3. O ENCONTRO DE DOIS MUNDOS.....	19
4. O VENENO NO MEL.....	22
5. O QUE CASSILDA SABE.....	29
6. INÍCIO DA VIAGEM.....	33
7. ARAS.....	49
8. O PÓ DE PAPOILA.....	62
9. O ANIMAL TOTÊMICO.....	66
10. O PREÇO DA DESOBEDIÊNCIA.....	78
11. O ACAMPAMENTO.....	93
12. CHEGADA.....	106
13. ESTADO DE GRAÇA.....	114
14. RUNA.....	116
15. A PROMESSA.....	120
16. ENCONTRO COM JOKARTA.....	123
17. SIÃO.....	131
18. REVELAÇÃO.....	150
19. APARIÇÃO.....	154
20. O CLÁ DA COBRA.....	158
21. BODKO MORDE O ISCO.....	165
22. O VENENO ALASTRA.....	172

23. O INÍCIO DA EXECUÇÃO DO PLANO	184
24. SEGUIR AS VOZES	193
25. A PRESENÇA DAS ESPIAS	195
26. MOMENTOS DE CURA	205
27. NOVA VIDA	211
28. O RAPTO	215
29. A VISITA	235
30. REENCONTRO COM O PAI	238
31. DISPUTA DA COROA	243
32. SERMÃO DO MESTRE	248
33. REGRESSO DE RUINA	256
34. A DESPEDIDA	264
35. A SOMBRA DE LUX	269
36. A VONTADE DA COROA	277
37. A ALDEIA DAS AMAZONAS	291
38. PRISIONEIRO DE GORA	298